Iniciado em 27 de maio de 2005
Concluído em 7 de março de 2007

A velhice de Davi e o golpe de Adonias

(I Reis 1:1-10)

O primeiro livro dos Reis tem um nome que não faz muito sentido. Afinal, a história da monarquia israelita começa já no primeiro livro de Samuel. Algumas versões da bíblia Católica trazem os livros de I, II, III e IV Reis, em vez de dois livros de Samuel e dois dos Reis. A divisão, seja ela qual for, é arbitrária: como os livros eram originalmente escritos em rolos, seria necessário um carrinho de mão para transportar toda a história da monarquia. Então os estudiosos judeus que fizeram a primeira tradução da Bíblia para o grego (em 250 a.C., no Egito) resolveram dividir cada um dos livros em dois volumes menores. Enfim, vamos à história.

Davi já estava muito velho. Velho mesmo: em 973 a.C., quando começa este livro, o rei estava em seu 40º e último ano de governo. O povo de Israel já estava cansado: então um sujeito dá uma pedrada num jogador de basquete e pronto, é rei por quarenta anos? Não era muito democrático. Além do mais, o rei estava nas últimas: sentia um frio danado o tempo todo. EM PLENO ORIENTE MÉDIO! Um frio incontrolável. O pessoal do palácio trazia cobertas, ponchos, gorros, cachecóis, luvas, máscaras de esqui, e nada do rei se aquecer.
— Por que a gente não toca fogo no velho?
— Tá doido, rapaz?
— Que que tem? Ele não vai viver muito mesmo, pelo menos morre quentinho…
— Oras, deixe de falar besteira. Majestade!
— Hum? Hein? Quem?
— Majestade… Nós vamos procurar uma moça para cuidar do senhor.
— Uma moça, é?
— É. Para cuidar do senhor, dormir na sua cama e mantê-lo aquecido. Que tal?
— Oba!
Então os conselheiros do rei saíram por todo o Israel procurando uma moça que servisse a tal propósito. Acabaram encontrando uma garota chamada Abisague, Miss Suném 975 a.C. Levaram Abisague até o palácio, e ela aceitou de bom grado suas novas atribuições. Passava o tempo deitada ao lado do rei, aquecendo seu velho corpo. Davi sequer tocava a

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Signature Not Verified
Marco Aurelio Gois dos Santos
Digitally signed by Marco Aurelio Gois dos Santos
DN: cn=Marco Aurelio Gois dos Santos, o=Jesus, me chicoteia, c=BR
Date: 2007.05.21 01:32:58 -03'00'

moça. Não que não quisesse, mas qual seria o propósito? Estava velho, seus dias de garanhão haviam ficado para trás.

Enquanto o rei passava seus dias deitado com a bela sunamita-aquecedora, no reino inteiro só se falava da sucessão. Amnom, o primogênito do rei, fora morto por Absalão. Este, o segundo filho, fora morto por Joabe depois de liderar uma rebelião. O terceiro, Adonias, filho de Davi com Hagite, parecia o sucessor natural. Era um rapaz muito mimado, naturalmente: depois de perder dois de seus filhos (isso sem contar o que tinha morrido pouco depois de nascer, num daqueles castigos muito justos de Javé), o rei fazia todas as vontades de Adonias e nunca o repreendia por nada. Tendo crescido dessa maneira, paparicado pelo pai, Adonias queria de toda forma ser o próximo ocupante do trono de Israel. E não demorou a providenciar isso: percebendo que Davi estava mesmo nas últimas, arranjou carros de guerra, cavalos e cinqüenta homens para formarem sua comitiva pessoal. O príncipe sabia que precisava de apoio nas altas esferas do reino, ou acabaria como seu irmão Absalão. Então foi falar com Joabe, o general e braço direito de Davi, e com Abiatar, o sacerdote. Os dois concordaram em apoiá-lo. Não viam sentido em manter no trono um rei moribundo: melhor mesmo seria que Davi se retirasse para sua casa no litoral do Mediterrâneo, e deixasse o reino nas mãos de alguém capaz de conduzi-lo. Outros, porém, foram sondados por Adonias e não o apoiaram: Benaías, chefe da guarda pessoal do rei, Zadoque, o sacerdote mais jovem, o profeta Natã e os guarda-costas Simei e Reí decidiram ficar ao lado do velho rei. Lealdade? Não exatamente: eles também achavam que estava na hora de Davi pendurar sua funda, mas queriam que o sucessor fosse Salomão, um príncipe meio apagado e nascido de uma união reprovada por todos.
Tendo formado seu séquito, Adonias deu uma festa e convidou seus irmãos e os funcionários do rei originários de Judá. Convidou a todas as pessoas influentes da côrte, com exceção dos poucos opositores. Tinha certeza de que seria rei, era só questão de tempo. Não contava, porém, com a astúcia de seus adversários.

Israel tremia com as novidades quentes, e Davi tremia de frio em sua cama. Olhou para a porta e viu uma silhueta familiar.
— Vem cá, minha nêga…
Enquanto Abisague se aninhava a seu lado, a nostalgia tomava conta do rei. Lembrava-se

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

de seus tempos de furor viril. Inocente, nem sabia que sua impotência não mais se restringia ao âmbito sexual.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Salomão é ungido rei

(I Reis 1:11-53)

Enquanto Adonias dava sua festa, o profeta Natã resolveu que era hora de começar a mexer uns pauzinhos. Para começar, foi falar com a mãe de Salomão:

— Bate-Seba, viu esse negócio todo aí do Adonias?

— E quem não viu, Natã? Só mesmo o rei, que agora vive de safadeza com aquela sunamita sem-vergonha. Quando eu era bonita ele me viu pelada e fez tudo quanto foi loucura para ficar comigo. Agora é o que se vê, o dia todo deitado com a tal Abisague no maior chamego. Velho safado…

— Pois é, pois é! O rei não sabe de nada, é como você diz. E se as coisas continuarem assim, você e seu filho podem se dar mal.

— Epa. Como assim?

— Oras! Adonias não convidou Salomão para a festa. Seu filho é um concorrente, e se Adonias for mesmo reconhecido como rei, o bicho vai pegar. Ele não vai deixar vivo outro herdeiro do trono.

— E o que a gente pode fazer, Natã?

— Engraçado você perguntar. Estava mesmo pensando num negócio aqui…

Minutos depois, Bate-Seba entrava no quarto de Davi. O velho rei ficou surpreso: era raro que qualquer de suas esposas viesse vê-lo depois da chegada de Abisague, e Bate-Seba, com todo seu orgulho, era a menos disposta a fazer uma visita de cortesia. Mas ali estava ela. O rei olhou para aquela matrona que lhe fazia uma reverência, e tentou associá-la à bela moça nua que vira do terraço tantos anos antes. Não conseguiu.

— O que você quer?

— Rei Davi, o senhor jurou por Javé que meu filho seria seu sucessor no trono.

— Jurei?

— Jurou.

— Lembro não.

— Mas jurou.

— Hum. E seu filho é aquele menino, né? Aquele lá. Aquele que teve aquele negócio do… Que pegou aquele troço uma vez lá no… O menino que fez a… Né?

— Salomão.

— Hum?

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— O nome dele, do nosso filho. Salomão.

— EU SEI, DIABO, EU SEI! VOCÊ ACHA QUE EU NÃO CONHEÇO MEU PRÓPRIO FILHO?

— Longe de mim pensar uma besteira dessa, majestade.

— Humpf.

— …

— O que você quer?

— O senhor jurou que…

— Já sei, já sei! Tá pensando que eu sou o quê, algum velho caduco?

— Claro que não, que idéia! O negócio é que Adonias se auto-proclamou rei sem que o senhor soubesse.

— Adonias?

— Seu filho…

— EU SEI QUEM É ADONIAS! QUE INFERNO!

— Pois então.

— Que história é essa de rei? O rei não sou eu?

— Claro que é, majestade. Mas Adonias diz que o senhor já está muito velho, e que ele é o herdeiro do trono. Está agora mesmo dando uma festa lá pros lados da Pedra da Cobra. Os irmãos dele estão lá, Abiatar e Joabe também.

— Ué. Abiatar e Joabe?

— Exatamente.

— Então vai ver o garoto tem que ser rei mesmo. Está bem assessorado.

— Mas o senhor jurou que…

— EU SEI O QUE JUREI! Grunf. Olha aí, já chegou mais gente. Quem é?

— Sou eu, majestade. Natã.

— Conheço Natã nenhum.

— O profeta Natã…

— Profeta… Profeta… Ah, sim! Natã, como vai? O que o traz aqui?

— Nada de muito bom, rei Davi. Por acaso o senhor anunciou que Adonias seria coroado rei? Acho que houve alguma falha de comunicação, porque eu não fiquei sabendo de nada…

— Adonias?

— Seu filho…

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— EU SEI, CÁSPITA! Essa outra aí já me contou da festa e coisa e tal.
— Pois é! Joabe, Abiatar e toda a corja estão lá gritando “Viva o rei Adonias!”, mais bêbados que o Bukowski.
— Hum. Não vejo nada de mais nisso, mas a Bate-Seba me disse que eu fiz um juramento e não sei quê…
— E o senhor não se lembra? Jurou que Salomão seria…
— Que Salomão seria meu sucessor. Mas que caralho, vocês acham que eu não lembro de nada é? Cadê a Bate-Seba? BATE-SEBA!
— Estou aqui, majestade.
— Bate-Seba, eu vou cumprir o juramento que fiz a você, ou não me chamo Saul.
— Davi.
— DAVI! Chamem lá o Abiatar.
— Ele está na festa do Adonias.
— Ô, diabo. Esse reino está me saindo uma esculhambação sem tamanho. Tem algum sacerdote em Jerusalém?
— Zadoque está ali no corredor.
— Eita! Parece até que vocês planejaram tudo…
— Hahahaha. M-mas que idéia, majestade!
— Hum. Chamem lá o Bodoque, então.
— Zadoque.
— FOI O QUE EU DISSE! Chamem esse puto, mais o Benaías. Não, Natã, você fica aqui.
— Sim senhor.
— Zadoque, meu querido!
— Eu sou o Benaías, majestade.
— Arre, égua!, vocês têm tudo a mesma cara. Esse outro é o Zadoque, então?
— Eu mesmo, majestade.
— Tenho uma missão para os três. Vocês vão pegar aí um punhado de oficiais, botar meu filho Salomão montado na minha mula e levar o menino até a Fonte de Giom. Quando chegarem lá, Zadoque e Natã devem ungir o garoto como rei de Israel. Depois vocês vão tocar as cornetas e sair gritando “Viva o rei Salomão!”. Então venham todos para cá, para que ele se sente no trono. Ele será rei em meu lugar, porque foi a ele que eu escolhi para governar Israel. Ele, entenderam? Salomão. Não aquele Adônis.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— Adonias.
— Que seja.
— Pode deixar com a gente, majestade! Que Javé confirme tudo isso aí, viu? E que ele esteja com Salomão como esteve com o senhor. E que o reinado de Salomão seja ainda maior do que o seu. E que ele faça…
— Tá bom, Zadoque, vai logo!
— Eu sou o Benaías, majestade…
— FODA-SE!
Os três saíram dos aposentos do rei, montaram Salomão na mula de Davi e cumpriram o ritual de unção de acordo com as instruções recebidas. Na volta para o palácio, porém, o povaréu foi se juntando ao cortejo do novo rei. Quando passavam perto da Pedra da Cobra, já eram uma pequena multidão gritando vivas a Salomão, cantando e tocando instrumentos. Adonias e seus convidados ouviram aquela algazarra e não sabiam do que se tratava. Estavam na dúvida quando chegou Jônatas, filho de Abiatar, com as notícias: Davi mandara ungir Salomão como rei, o povo estava com ele e os oficiais congratulavam o velho rei pelo acerto na escolha.
— Não pode ser!
— Mas é, seu Adonias. Dizem até que o rei tentou improvisar uns versos. Assim:

Louvado seja Javé
Porque é o que é
Me deixou ver em pé
Meu filho Salomé
Ser o rei de Israé.

— Mas o nome do moleque não é Salomão?
— Por isso o rei não terminou o salmo. Não é mais o mesmo…
— Sei não, sei não. Esse negócio aí não está me cheirando bem. Isso pode ser perigoso como o diabo. O que você acha, Joabe? Joabe? Cadê esse puto? Abiatar? ABIATAR! PORRA!
Percebendo o isolamento político em que se encontravam, os convidados de Adonias saíram de fininho. Afinal de contas, em pelo menos uma coisa ele acertara: era perigoso ficar isolado politicamente em Israel naqueles tempos (hoje em dia também, mas não vamos falar nisso).

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Adonias, que havia pouco conhecera as delícias do poder, viu-se destituído do trono sobre o qual sequer chegara a sentar-se, e com a cabeça a prêmio. O novo rei não perdoaria sua ousadia. Então fez a única coisa que podia: correu para o Tabernáculo e agarrou-se às pontas do altar. De acordo com a lei, ninguém poderia ser morto na presença de Deus, ou seja, dentro da Tenda Sagrada. Lá de dentro, tremendo todo e agarrado com toda a força às pontas do altar, Adonias mandou seu recado:

— Só saio daqui se o rei Salomão jurar não me matar à espada!

Quando soube da reivindicação de Adonias, o novo rei fez seu primeiro pronunciamento público:

— Aê. Se o mano mostrá que é firmeza, eu trombo ele e não tem treta. Mas se vier com crocodilagem, é um-dois, mando subir. Tá ligado?

— C-como, majestade?

— MAJESTADE O CARAIO! ME CHAMA DE MANO!

— M-Mano?

— MANO!

— Mas é que…

— Ah, véio. Manda aquele cu-de-burro sair lá de onde ele tá muquiado, que eu quero dá uma idéia no figura.

— S-sim senhor…

— MANO!

— Mano, mano!

— É foda…

Os funcionários do palácio foram buscar Adonias no Tabernáculo. As mãos do coitado estavam crispadas em volta das pontas do altar, então ele precisou de ajuda para sair. Bom, o medo de encarar o novo rei também não ajudava muito. Mas todo mundo garantiu que estava tudo bem, que nada lhe aconteceria e tal, então ele foi ter com Salomão. Chegou, ajoelhou-se e encostou o rosto no chão.

— Ih, véio! Que parada é essa aê?

— Majestade!

— Ô caraio… Seguinte, mano: vaza.

— Hein?

— VAZA, MANO! RALA O PEITO! SOME!

Adonias não esperou terceira ordem: deu meia-volta e saiu. Estava vivo,

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

surpreendentemente vivo. Mas todo mundo morre um dia. Uns vão mais tarde, outros mais cedo. Mas não vamos nos adiantar, os próximos capítulos serão bem movimentados.

Será agitado o reino de Salomano.

Digo, Salomão.

Agradecimento especial: Muito obrigado ao Edu e à Bobie, meus colegas de redação, pelo Dicionário dos Manos. Será essencial para os próximos capítulos.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Davi dá conselhos a Salomão e morre

(I Reis 2:1-11)

Davi não proclamara Salomão como seu sucessor apenas para contrariar Adonias: velho e doente, sentia que não tinha muito tempo de vida. Então chamou o novo rei para uma última conversa.

— Aê, véio. Pela órdi?

— Filho, eu não entendo nada do que você fala.

— Cê tá surdo, véio?

— NÃO, PORRA! VOCÊ QUE NÃO FALA LÍNGUA DE GENTE!

— Ô, pai. Mancada…

— Humpf. Salomão, em breve eu irei para onde todos vão mais cedo ou mais tarde.

— NACREDITO!

— Pois é verdade.

— Vai pra Miami, véio? Pô, me traz um pisante da hora?

— MANÉ MIAMI, SEU BUCÉFALO! ESTOU MORRENDO!

— Tá nada, pai!

— NÃO DISCUTA COMIGO! Se eu tô falando que vou bater as botas, é porque vou mesmo. Mas antes eu quero te dar uns conselhos.

— Manda bala.

— Você precisa ser forte, meu filho. Ser rei de Israel não é nada fácil. Mas obedeça às leis de Javé, seja honesto e justo, e tudo dará certo. Assim Deus cumprirá a promessa que me fez, de manter a minha dinastia por muitos séculos, desde que meus descendentes o sirvam.

— É nóis.

— Além disso… Você conhece o Joabe, né?

— Aquele puta ganso, pilantra, corno manso?

— Esse. Joabe matou dois soldados valentes, Abner e Amasa, em tempos de paz. Esse cara não pode morrer de velho. Entendeu?

— Peraí, peraí… Cê quer que eu mande subir?

— Hein?

— Tá me mandando apagar o cara?

— TÁ LOUCO? EU NUNCA MANDEI MATAR NINGUÉM, TÁ ME OUVINDO?

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— Ué… O povo diz que o primeiro marido da mãe bateu a caçoleta porque o senhor…
— CALABOCA!
— …
— Eu só disse que ele não deve morrer de velho, e espero que você me entenda e não faça perguntas.
— Firmeza, véio. Não estressa.
— Eu não mando matar ninguém. Ninguém! Os filhos de Barzilai, por exemplo. Quando eu estava na merda, fugindo de Absalão feito um rato, eles me deram abrigo e comida. Faça o mesmo por eles sempre que precisarem.
— Céito…
— O mesmo eu não posso dizer de Simei, filho de Benjamim.
— Esse não é o traíra que te falou uma pá de groselha quando cê tava dando linha de Jerusalém?
— Que me ofendeu quando eu fugia de Absalão? Esse aí. O desgraçado me xingava, jogava pedras, o diabo. Depois ele veio me pedir perdão, e eu jurei que o deixaria vivo.
— Então esse aí não é pra apagar?
— Você não jurou nada…
— Tô ligado.
— Você é esperto, sabe o que fazer.
— Xacomigo, pai. Se esse truta chega perto, vixe, tem nem idéia. É só pipoco, já era. Tá ligado, pai?
— …
— Ô véio! TÁ LIGADO?
— …
Salomão ainda gritou um pouco antes de perceber que o pai estava morto. Bateu duas vezes no peito com o punho fechado, disse "Paz, mano", e foi comunicar o falecimento aos funcionários do palácio.
O corpo de Davi foi sepultado em Jerusalém. Seu reinado durou quarenta anos: sete como rei de Judá, em Hebrom, e outros trinta e três em Jerusalém, como soberano de todo o Israel.
Salomão herdou um reino unificado e forte, ao contrário do seu pai. Começaria logo seu reinado, mas antes precisava atender aos últimos pedidos de Davi. Um banho de sangue, como veremos.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

As mortes de Adonias, Joabe e Simei, e o exílio de Abiatar

(I Reis 2:12-46)

Com a morte de Davi, Salomão assentou-se no trono em Jerusalém, e seu governo se fortaleceu muito. Como? Já veremos.

Logo nos primeiros dias após a morte do pai, Adonias foi ao palácio falar com Bate-Seba.
— Adonias! O que você quer? Vem em paz?
— Sim senhora, não precisa se preocupar. Eu queria só dizer uma coisa pra senhora.
— Pois diga, oras.
— A senhora sabe muito bem que eu é que devia ser rei. Sou o irmão mais velho, o primeiro na linha de sucessão, e todo o país contava com minha subida ao trono após a morte de meu pai. Mas Javé quis de outro jeito, Salomão é o novo rei, e não discuto.
— E faz muito bem.
— Eu sei. Eu só queria fazer um pedido, só um.
— O que você quer?
— É essa moça, Abisague. Eu só penso nela o tempo todo, dona Bate-Seba. É um inferno! Durmo pensando nela, acordo pensando nela, passo o dia pensando nela. A menina ficou tanto tempo aí só esquentando meu pai, acho que ela gostaria de se casar, ter uma família.
— Então você quer se casar com aquela lambisgóia?
— Isso, isso! Ô, dona Bate-Seba, peça ao seu filho que me atenda. Eu sei que ele ouve a senhora.
— Bom. Tudo bem. Vou tentar, mas não garanto nada.
— Obrigado, obrigado!
Adonias voltou para casa cheio de esperanças, e Bate-Seba foi falar com seu filho. Ao ver a mãe entrando no salão real, Salomão correu a beijar-lhe a mão.
— Bença, mãe! Tá vendo seu filho, tá vendo? Só nos pano, mó preza.
— Sim, meu filho. Estou muito orgulhosa.
— Se liga ali do lado do trono, véia.
— Ué! Tem dois tronos, filho. O que é isso?
— É seu, mãe! Vai sentar do meu lado e pagá de gatinha, tá ligada?

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— Er… Que lindo isso, filho. Fico comovida.
— Da hora, véia!
— Eu só queria te fazer um pedido…
— Desembucha, mãe. Cê tá ligada que aqui a senhora manda.
— Sabe aquela menina, Abisague?
— A que esquentava o véio? Tô ligado.
— Então, filho. Dê a menina em casamento ao seu irmão Adonias.
— TÁ DOIDA, VÉIA? PIRÔ DA CABEÇA? Comé que a senhora vem aqui na minha fuça pedir um troço desse? Vai pedir preu dá o reino pra ele também, junto com aqueles corno do Joabe e do Abiatar?
— Calma, meu filho…
— CALMA É UMA PORRA! O cara quer dá uns futuco na mulé do meu pai, e a senhora vem com esse migué, véia? Aê, eu juro por Javé que esse vacilão vai subir, e é hoje memo. Vou só chegar e PÔU! PÔU! Já era! BENAÍAS! Cadê esse zé mané? BENAÍAS, CARAIO!
— Coé?
— Benaías, cê vai fazê uma fita pra mim, ó.
— Viiiiiiiiiixe.
— Tá ligado o Adonias?
— Tô ligado.
— Senta o dedo.
— Já é.
Então Benaías foi e matou Adonias. Com isso, Salomão já teria seu reino suficientemente fortalecido: afinal de contas, agora era o único descendente de Davi. Mas ainda tinha assuntos pendentes a resolver.

No dia seguinte, o rei mandou chamar Abiatar, sumo-sacerdote.
— Majestade!
— Majestade é uma porra! Me chama de Mano Preza.
— Er… Mano Preza!
— Seguinte, seu zé-ruela do caraio. Vou te mandar uma idéia, fica esperto: sai no pinote e se muquia lá nas suas quebrada de Anatote. Cê merecia mesmo era levar uns pipoco nos cornos. Só não leva porque eu sei que cê era mano do meu véio no tempo que ele precisou se empirulitar, e só virou traíra depois de véio. Dá linha, mano, antes que eu te

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

dê uma muqueta no seu escutador de *Hava Nagila*.
Com o exílio de Abiatar, finalmente ficava cumprida a ameaça que Javé fizera a Eli, tantos anos antes, de que seus descendentes não seriam mais sacerdotes. Deve ter se esquecido, sei lá. Quem não se esquecia de nada era Salomão.

Sabedor da boa memória do rei, Joabe resolveu apelar para o mesmo expediente que salvara Adonias no primeiro momento, e correu para o Tabernáculo para segurar nas pontas do altar. Ao saber disso, Salomão mandou chamar Benaías.
— Benaías!
— Coé?
— Joabe.
— Já é.
Benaías foi até a porta do Tabernáculo e gritou:
— Joabe!
— Que é?
— O Mano Preza mandou cê sair daí, véio.
— Quem?
— O REI, CARAIO!
— Não vou sair, não vou! Eu morro aqui, mas não saio.
Benaías voltou ao palácio com a notícia.
— E aí o mano falou que morria lá?
— É.
— Aê, vou atendê o pedido do mano…
— Hum?
— Sobe.
— Pô, Mano Preza. O cara tá lá nas ponta do altar, tá ligado?
— E daí?
— Como assim, e daí? Javé vê uma parada dessa, já era, jacaré me abraça.
— Ô, mano, tá me zoando? Não mandei cê sentá o dedo?
— Mandô, mano, mandô…
— Então pronto, mano! Cê não mata, só dá a facada. Quem mata é Deus.
— Aê, sei não. Mó sinistro isso aí.
— SE LIGA, MANO! Faz o que eu mandei, que eu seguro o B.O.
— Segura?

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— Seguro.

— Já é.

Benaías voltou ao Tabernáculo e matou Joabe, a eminência parda do reino de Davi. O filho de Zeruia foi enterrado numa de suas propriedades, em campo aberto.

Com a morte de Joabe, ficava faltando apenas Simei para Salomão terminar de vingar os inimigos de seu pai. Mas Davi jurou que não o mataria quando ele pediu perdão, e mesmo Salomão sabia que matá-lo pura e simplesmente pegaria muito mal, e poderia abalar sua popularidade. Por outro lado, não podia deixar de atender aos pedidos que Davi lhe fizera em seu leito de morte. O que fazer? Depois de muito matutar, Salomão conseguiu chegar a uma conclusão aceitável, e mandou chamar Simei.

— Seguinte, mano. Cê vai fazer um muquifo pra morar aqui em Jerusalém e vai ficar em prisão domiciliar.

— C-como?

— Come, caraio. Come, dorme, caga, toma no cu, faz o que quiser. Só não pode sair da cidade. Se passar do rio Cedrom, mando subir.

Desconfiando que a ordem do rei tinha alguma coisa a ver com as ofensas que fizera a Davi tantos anos atrás, Simei achou melhor não dizer mais nada e construir logo sua casa na capital. Ao menos o rei não o mandara matar, como fizera com Adonias e Joabe.

Simei morou por um bom tempo em Jerusalém, e Salomão nunca o incomodou. Três anos depois, porém, dois de seus escravos fugiram e foram se refugiar na casa de Áquis, rei de Gate, na Filistia. Gate nem era tão longe, o rei o deixara em paz por tanto tempo, era só para buscar uns escravos e voltar logo… Assim pensando, Simei selou seu jumento e foi até a Filistia. Quando chegou em casa com os escravos, já tinha um recado do rei esperando: Salomão queria vê-lo.

— Simei, seu vacilão! Cê jurou por Javé que não ia sair da cidade, mano!

— Eu não jurei…

— CALABOCA, PORRA! JUROU! JUROU! Que que eu te falei, hein? Fica na cidade, tá firmeza. Sai da cidade, mando subir. Não foi?

— Foi.

— ENTÃO POR QUE CÊ SAIU DA CIDADE, ZÉ RUELA? Deu mancada com meu pai, agora comigo. Ah, mano, não dá. Benaías…?

— Viiiiiiiiiiiiiiiiiixe…

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Para o lugar de Abiatar no Tabernáculo, Salomão nomeou o sacerdote Zadoque. E, como era natural, Benaías substituiu Joabe no comando do exército israelita.

E foi dessa forma diplomática que o reino de Salomão se fortaleceu. Sejamos justos, porém: a sabedoria que tornaria Salomão lendário em reinos distantes ainda não existia. Como foi que Salomão se tornou o homem mais sábio de seu tempo? Veremos no próximo capítulo.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Salomão pede sabedoria

(I Reis 3)

Depois de acabar com a vida dos que poderiam atrapalhar seu reinado, Salomão resolveu tratar de política exterior. Para isso, entrou em acordo com o faraó. Os faraós, que por séculos haviam sido os monarcas mais prestigiados da região, estavam em declínio. Na época de Psusennes II, esse aí que entrou em acordo com Salomão, as terras dominadas pelo faraó restringiam-se ao delta do Nilo, enquanto as terras altas ficavam sob domínio dos sacerdotes de Amon, com sua capital em Tebas. Psusennes II, cuja subida ao trono coincidiu mais ou menos com a morte de Davi — muito próxima, portanto, da coroação de Salomão — vivia sob constante pressão dos verdadeiros donos do Egito por um lado, e das tribos nômades do deserto por outro. Desse modo, a aliança com o rei de Israel, cujo território era estratégico por sua localização, vinha em excelente hora. Assim, Psusennes II e Salomão entraram em acordo, com o primeiro dando a mão da filha em casamento ao segundo. Salomão pegou sua mina e levou-a para morar consigo em Jerusalém.
Jerusalém. O plano de Salomão era meio malufista: transformar a capital israelita num canteiro de obras. Pretendia construir um palácio para instalar-se com seu futuro harém, muralhas reforçadas em volta da cidade e um templo para Javé. Sim, porque desde o Êxodo o povo adorava a Deus no Tabernáculo, que não passava de uma barraca de acampamento com mania de grandeza. Muito útil para um povo que peregrinava pelo deserto, mas um tanto anacrônico para uma nação há muito estabelecida. Além do mais, nem todo mundo tinha paciência, ou recursos, ou tempo, ou tudo isso, para ir até o Tabernáculo. Então o povo oferecia sacrifícios sobre os morros, o que era um problema: sem um sacerdote por perto nem todo o aparato da religião oficial, como ter certeza de que estavam mesmo adorando a Javé, e não a outro dos muitos deuses dos países vizinhos. Até Salomão, que devia dar o exemplo, oferecia seus sacrifícios dessa forma heterodoxa. E foi depois de um dia de particular fervor religioso que a vida do rei mudou.
Salomão fora a Gibeão, onde ficava o altar mais famoso de todos. Nesse dia ofereceu mil holocaustos. Ao fim do dia, exausto, o rei resolveu passar a noite ali mesmo. Num sonho, Javé veio falar com ele:
— Salomão!
— Coé?
— SALOMÃO!

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— Quem é, mano? Tá me tirando?

— Sou eu, Salomão. Javé!

— Javé??? Não me zoa, ô!

— Sou eu, Salomão.

— É tu memo?

— SOU, PORRA!

— FAAAAAAAAAAAAAAAAAALA, JAVÉ! Pela órdi?

— Hein?

— Tudo céito, mano?

— MANO É UM CACETE! EU SOU É DEUS, TÁ ME OUVINDO? DEUS!

— Ô, foi mal aê. Fala, Deus, que que manda?

— Vim aqui lhe fazer uma oferta que não costumo fazer a ninguém, Salomão: faça um pedido e eu o atenderei.

— Pô, tipo gênio do Aladim? Da hora…

— MANÉ GÊNIO! ME RESPEITE!

— Sussa, Javé, sussa. É sério memo esse papo aê?

— Sim. Peça o que quiser, qualquer coisa.

— Viiiiiiiiiiiiiiiiiiixe, bem lôco. Então seguinte, Javé. Vô lançá a real: tô ligado que cê era mó truta do meu véio, e que ele nunca vacilou aí contigo. E aí cê até me deixou ficar no lugar dele, e eu ainda sou pivete, tá ligado? Tipo, achei da hora mesmo. Cê é firmeza, Javé, na boa memo. Cê é o Grande Truta das Quebrada Celestial, tá ligado?

— PÁRA DE ME PUXAR O SACO E PEDE LOGO!

— Tá, tá! Seguinte: o que eu mais quero memo é ser um sujeito ligêro.

— Ligeiro? Pra quê, Salomão? Israel vive em paz agora, você não vai precisar correr nem nada assim.

— Xi, véio, cê não tá ligado. Eu quero ser ligêro, mano. Espéito, manja?

— Hum. Então você quer sabedoria, é isso?

— Aê, Javé. Porque, se liga: se eu não for ligêro, como é que vou cuidar da parada toda, Israel, Judá e pá? Se eu vacilo, é mó embaço.

— Salomão, seu pedido me surpreende. Eu esperava que você me pedisse riquezas, ou uma vida longa, ou a morte dos seus inimigos. Em vez disso, você pediu sabedoria para governar com justiça. Vou te dar isso, você será o mais sábio dos homens, mas também vou conceder o que você não pediu: por toda a vida, você será um homem muito rico e,

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

se andar comigo como andou seu pai Davi, terá uma vida longa.
— VIIIIIIIIIIIXE! FIRMÃO, MANO!
— MANO É UMA PORRA!
— Aê, foi mal.
Vejam como é a malandragem: dando uma de humilde e pedindo a Deus sabedoria, Salomão conquistou o respeito de Javé e muito mais do que aquilo que pedira. Malandro é malandro mesmo. Quando acordou, Salomão se deu conta de que estivera falando com Deus. Então levantou-se, voltou a Jerusalém, e lá ofereceu sacrifícios como se esperava que o rei fizesse: na Tenda Sagrada, sobre o altar. Depois disso, ofereceu uma festa para as autoridades de Israel.

Dias depois, a sabedoria de Salomão foi posta à prova. Aconteceu que duas prostitutas chegaram logo cedo para uma audiência com o rei. Vinham discutindo aos berros, e foi difícil fazê-las sossegar. Mas finalmente estabeleceu-se alguma ordem, e uma delas dirigiu-se ao rei:
— Majestade, eu e essa outra aí moramos na mesma casa. Meu filho nasceu há pouco tempo, e três dias depois ela também teve um filho. De noite o filho dessa piranha morreu, porque ela tava bêbada e rolou por cima do moleque. E sabe o que ela fez, majestade? Veio devagarinho pra junto da minha cama e trocou as crianças!
— É MENTIRA!
— MENTIRA NADA! Acordei de manhã pra dar o peito ao menino, e estava morto. Mas eu não sou besta, conheço meu filho.
— VACA! COMO VOCÊ É CARA-DE-PAU! Majestade, o filho dessa mulher aí morreu e ela trocou com o meu.
— O filho é meu! O seu tá morto!
— O SEU tá morto!
— O SEU!
— O SEU!
— O S…
— CALAI-VOS!
Fez-se silêncio absoluto no recinto. O rei passara os últimos dias muito compenetrado, e era a primeira vez que falava em público depois da festa em Jerusalém. Ninguém esperava ouvi-lo falando daquela maneira.
— Calai-vos, eu lhes imploro! Deixai-me-vos que entenda a situação e assim a

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

compreenda e tenha-lhe dentro de meu entendimento. Então tu dizeis que o filho é teu, e o que da outra está morto?

— Sim!

— E tu, por conseguinte, clamais que o defunto filho da outra é?

— Isso!

— Eis que vejo aí grande crocodilagem. Descolai-me uma espada, ó, mano.

O empregado trouxe a espada, e o rei ofereceu sua solução:

— Só há uma maneira de resolver esse imbróglio: que a criança seja partida no meio, e cada qual fique com uma metade. Resolve-se a parada. Estais ligados?

No mesmo instante, uma das mulheres lançou-se aos pés do rei, chorando:

— Não, majestade! Não faça isso! Dê o menino à outra, eu não ligo, mas não mate o meu filho!

A outra, porém, mantinha-se firme:

— O rei está certo. Decisão muito justa. É isso aí.

Vendo a situação, Salomão deu seu veredicto:

— Dizeis que devo partir o infante ao meio, qual mortadela? És uma vacilona, ó filha da maldade! Dai à primeira o menino, pois está claro que ela pariu-lhe de suas próprias entranhas.

No dia seguinte, não se falava de outra coisa em Israel: apesar do linguajar mais estranho do que antes, o rei demonstrara grande sabedoria ao julgar uma causa difícil. Com o respeito adquirido após o episódio, Salomão podia finalmente dedicar-se a reestruturar a nação.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

A organização do reino de Salomão

(I Reis 4)

Depois de receber de Javé tamanha sabedoria, Salomão achou por bem utilizá-la para reformular a estrutura do reino. Seu pai fora um grande rei, mas era mais um guerreiro do que um estadista. O funcionamento da máquina oficial podia ser muito melhorado, e Salomão sabia exatamente como fazê-lo. Para começar, nomeou os trutas para os cargos de confiança:

- **Sacerdote:** Azarias, filho de Zadoque
- **Escrivães:** Eliorefe e Aías, filhos de Sisá
- **Conselheiro do rei:** Josafá, filho de Ailude
- **Comandante do exército:** nosso já conhecido mano Benaías, filho de Joiada
- **Sacerdotes:** Zadoque e Abiatar
- **Chefe dos administradores distritais:** Azarias, filho de Natã
- **Conselheiro particular do rei:** o sacerdote Zabude, filho de Natã
- **Mordomo:** Aisar
- **Encarregado dos trabalhadores forçados:** Adonirão, filho de Abda

Notem que nada nessa vida é de graça: Natã desempenhara papel primordial para que Salomão subisse ao trono; em troca, dois de seus filhos foram nomeados para cargos de confiança.
Tendo nomeado seus servidores diretos, Salomão partiu para uma reorganização do reino em distritos. Para isso, nomeou doze homens para serem administradores dos distritos de Israel. Cada um dos administradores era obrigado a prover o palácio de mantimentos durante um mês do ano. Dos doze administradores, dois eram genros do rei. Tudo coincidência.

Israel funcionava como um conjunto bem azeitado de engrenagens. Como nada faltava, não havia necessidade de guerras, e Salomão pôde governar em paz e com grande prosperidade. Viveu em paz com os reinos vizinhos durante toda sua vida, e muitos deles pagavam tributos a Israel. Os gastos do palácio do rei só eram comparáveis aos da Casa da Dinda: por dia eram consumidas três toneladas de farinha de trigo, seis toneladas de

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

outras farinhas (não especificadas, sei de nada), dez bois gordos, vinte bois de pasto e cem carneiros. Isso sem contar veados, gazelas, cabritos monteses e aves domésticas. O rei tinha quatro mil baias para os cavalos de seus carros de guerra, e doze mil animais da cavalaria. Fornecer palha e cevada para as montarias também estava entre as obrigações dos administradores distritais, cada um no seu mês.

Com o reino perfeitamente organizado para gravitar em torno do palácio, não deixando que nada lhe faltasse, Salomão tinha tempo de sobra para cultivar sua descomunal sabedoria: estudou as árvores e plantas, os animais, os astros; escreveu três mil provérbios e compôs mais de mil canções (a mais conhecida delas é provavelmente o Cântico dos Cânticos). O rei de Israel foi considerado o homem mais sábio de seu tempo, e reis do mundo inteiro mandavam representantes para ouvi-lo.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Salomão prepara a construção do templo

(I Reis 5)

Vimos no último capítulo a organização do reino de Israel sob o comando de Salomão. Tal organização era tão eficiente que chamou a atenção até de estrangeiros, entre eles Hirão, rei de Tiro. O rei fenício fora muito amigo de Davi, e assistira de longe à subida de seu filho ao trono. Agora, porém, tendo tomado conhecimento da enorme sabedoria do novo rei, enviou a Israel uma missão diplomática. E Salomão, mostrando mais uma vez sua sabedoria, aproveitou a visita dos emissários de Hirão para dar início a um projeto grandioso. Para começar, mandou uma carta ao monarca fenício:

> *Caro Hirão,*
> *~~Pela órdi?~~*
>
> *Saúdo-vos em nome de Deus.*
>
> *Estais vós ligado que meu ~~véio~~ pai Davi não pôde construir um templo para Javé, uma vez que ~~o bicho tava pegando~~ vivia em guerra contra seus inimigos. Eis, pois, todavia no entanto, que eu, seu filho, ~~sentei o dedo~~ ~~mandei subir~~ me vi livre dos meus inimigos internos por graça de Deus, e consegui diplomaticamente viver em paz com os países vizinhos, de modos que estou ~~de boa~~ em paz.*
> *Sendo assim, ó Hirão, pretendo eu agora ~~levantar a goma~~ construir uma casa para Javé, o Deus de Israel, pois foi assim que Ele prometeu a meu pai. Eu queria, então, pedir a você que mandai-me a mim cortar cedros do Líbano. Enviar-te-lo-ei meus empregados, que ~~vão dá um trampo~~ trabalharão juntamente com os seus, e eu pagarei o salário de todo mundo.*
>
> *~~mano~~ Salomão, rei de Israel*

Hirão ficou muito feliz ao receber essa mensagem, pois estava mesmo ansioso para colaborar com Israel, uma nação que começava a prosperar. Então enviou sua resposta a Salomão:

> *Cara Salomón,*
> *Bendita seja a Deus de Israel, que deu a Davi uma filho tón sábia.*
> *Gostei muito de seu mensagem, e já estou tomando os providências. Minhas servos*

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

vão começar a cortar os cedras para levá-los da Líbano até onde a senhor quiser, de jangadas pelo mar.
Negócia fechada, entón? Certinha, certinha.
Só um coisinha: o ticket-refeiçón das minhas trabalhadores fica por seu conta. Tudo bem?

Abraço,

Hirão, rei de Tiro.

Negócio fechado, os dois reis começaram os preparativos para a construção do templo. Hirão enviava a Israel todo o cedro e pinho que Salomão solicitava. Em troca, o rei de Israel fornecia anualmente duas mil toneladas de trigo e quatrocentos mil litros de azeite para os trabalhadores fenícios. Além desses, o rei convocou trinta mil israelitas para os trabalhos forçados, com Adonirão por chefe. O contingente foi dividido em três grupos de dez mil homens, e cada grupo passava um mês no Líbano e dois em casa. Além desses, Salomão mandou oitenta mil homens para cortarem pedras nas montanhas, e outros setenta mil para carregá-las. Esse grupo de pedreiros e carregadores, responsáveis pelas pedras para os alicerces do templo, tinha três mil e trezentos chefes.
Quatrocentos e oitenta anos depois de chegar a Canaã, o povo de Israel finalmente começava a construir um Templo para Javé. Tendo uma casa de verdade para morar em vez de uma barraca, talvez ele deixasse de ser tão estressado.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Salomão constrói o templo e o palácio

(I Reis 6 e 7)

Depois do acordo com Hirão, rei de Tiro, para o fornecimento de materiais e mão-de-obra, Salomão finalmente começou a construir o templo. Era para ser rápido, mas acabou levando sete anos. Por quê? Já explico.

Pelo projeto inicial, o templo seria bem simples: vinte e sete metros de comprimento por nove de largura e treze de altura. Nada muito grande, se compararmos aos templos de hoje em dia (a Catedral da Fé do bispo Macedo, ou a Basílica de N. Sa. Aparecida), mas uma construção e tanto para o pequeno reino de Israel. O que valia no templo de Salomão eram os detalhes, não o tamanho: durante a construção não se ouviu barulho de qualquer ferramenta, porque as pedras eram preparadas e talhadas na pedreira; uma vez no local da construção bastava encaixá-las.

A construção chamou a atenção de muita gente e, claro, do principal interessado.

— Que beleza, hein, Salomão?

— Oh, grandioso Javé! Que quereis tu de eu?

— Nada, nada. Vim só ver como andavam as coisas. Tudo muito bonito, puxa vida.

— Eis que construo esta casa para vós habitáveis, oh grande Javé, Senhor dos Exércitos e pá.

— Pá?

— Escapou-me.

— Hum. Olha, continua aí a construção. Se você for bonzinho, eu venho morar aqui, e faço tudo o que você quiser.

— És acaso o gênio da lâmpada?

— GÊNIO UMA PORRA!

— Acalmai-vos, oh Javé!

— Grunf.

Salomão, que de bobo só tinha a cara, entendeu o recado: o templo estava muito bom e tal, mas precisava de mais opulência. O projeto minimalista original, de pedra e vigas de

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

cedro, não seria suficiente para o vaidoso Javé. Então, de volta à prancheta: as paredes interiores da edificação seriam forradas de cedro para que as pedras não aparecessem, o assoalho seria de pinho. O lugar Santo dos Santos, salão separado onde ficaria a Arca do Acordo, e que seria efetivamente a casa de Javé, seria um cubo perfeito de arestas de nove metros separado do resto da construção por um biombo de cedro que ia do chão até o teto, enfeitado com entalhes em forma de cabaças e de flores. O lugar Santo, área comum do templo, teria dezoito metros de comprimento.
Salomão preparou o novo projeto e foi apresentá-lo a Javé.
— É. Bonzinho.
Bonzinho? Javé queria ostentação? Então teria: tanto o lugar Santo quanto o Santo dos Santos seriam completamente revestidos de ouro puro. Separando os dois, além do biombo, correntes de ouro. Até mesmo o altar e o assoalho seriam revestidos de ouro. No Santo dos Santos seriam colocados dois querubins de madeira de oliveira. Os querubins ficariam de asas estendidas no Santo dos Santos, sendo que as asas se tocavam exatamente no meio da sala, e a ponta da asa de cada um deles tocava uma das paredes. As paredes do templo seriam enfeitadas com figuras entalhadas, assim como as portas. Enfim, tudo uma riqueza só. Ao ver o novo projeto, Javé arregalou os olhos:
— Agora sim, estamos conversando!
Com o projeto finalmente aprovado, Salomão tratou de colocá-lo em prática: as paredes de pedra foram forradas com tábuas de cedro revestidas de ouro, os entalhes foram feitos, os querubins construídos.
A construção foi iniciada no quarto ano do reinado de Salomão, e concluída no décimo primeiro. Com a casa de Deus pronta, o rei podia preocupar-se em construir a sua.
E se o templo podia ser tão ostensivo, então o palácio real também poderia. Salomão não se fez de rogado: só um recinto, o Salão da Floresta do Líbano (que tinha esse nome por ser todo revestido de cedro), já era maior que o templo: media quarenta e quatro metros de comprimento por vinte e dois de largura e treze e meio de altura. Esse salão tinha três fileiras de quinze colunas de cedro que sustentavam vigas de cedro, que por sua vez escoravam o teto de cedro.
O Salão das Colunas era um pouco menor: tinha vinte e dois metros de comprimento por treze e meio de largura, e recebeu esse nome por ter um pórtico sustentado por colunas. A Sala do Trono, onde Salomão trabalharia, era toda forrada de cedro. Num pátio atrás dessa sala ficava a casa de Salomão, no mesmo estilo das outras: um exagero de cedro.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Do mesmo estilo também eram os aposentos da esposa do rei, filha do Faraó.
Enfim, o palácio era tão grande que algumas das pedras do alicerce chegavam a quatro metros de comprimento.

Para arrematar as obras, Salomão mandou chamar um certo Hurã, da cidade de Tiro, que era especialista em trabalhos de bronze. Hurã, cuja mãe era israelita de Naftali, fundiu duas colunas de bronze para colocar na entrada do templo. Cada uma delas tinha dezoito metros de altura e um metro e setenta de diâmetro. Depois disso, fez os detalhes das colunas: entalhes em forma de correntes, lírios, romãs. A coluna do lado sul foi chamada de Jaquim (que significa *Deus estabelece*) e Boaz (*pela força de Deus*).
O mais famoso dos trabalhos de Hurã, porém, e que é comentado até hoje por muitos, foi o tanque redondo de bronze. Não pelo talento requerido para construí-lo: no fim das contas, era só uma bacia grande e redonda. A grande sacada eram mesmo os doze touros de bronze sobre os quais repousava o tanque, mas ele mesmo não tinha nada de mais. A não ser por um detalhe: segundo o autor da narrativa, o tanque de bronze tinha dez côvados (quatro metros e quarenta) de diâmetro e trinta côvados (treze metros e vinte) de circunferência. Essas medidas têm alimentado por séculos as discussões em torno da veracidade da Bíblia. Sim, porque segundo o autor o número PI equivaleria a 3, e não a aproximadamente 3,1416. Àqueles que ainda discutem isso eu digo: NA BÍBLIA UM SUJEITO É ENGOLIDO POR UM PEIXE GIGANTE E CUSPIDO SÃO E SALVO NA PRAIA TRÊS DIAS DEPOIS! UMA JUMENTA FALA! HÁ GIGANTES DE QUATRO METROS DE ALTURA! E VOCÊS VÊM DISCUTIR MATEMÁTICA, CÁSPITA?
Pronto, acalmei.
Hurã fez ainda dez carretas decorativas de bronze, sobre as quais botou dez bacias. As carretas foram dispostas dos dois lados do templo. O artesão cuidou ainda da manufatura dos utensílios do templo. Os de bronze, claro. Quanto aos de ouro (que não eram poucos: o altar, a mesa para os pães, lamparinas, tesouras, bacias, pratos, dobradiças) foram feitos por outro sujeito, cujo nome não é citado.
Com o templo e o palácio prontos, Salomão quase podia descansar. Ainda faltava um detalhe dos mais complicados: trazer a Arca do Acordo para que ocupasse seu lugar no Santo dos Santos. Essa grande operação de logística, porém, fica para o próximo capítulo.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

(As fotos deste post foram retiradas do The Semitic Museum at Harvard University)

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

A Arca do Acordo é levada para o Templo

(I Reis 8)

Jerusalém vive seu quinto dia de carnaval, e a festa parece que não vai acabar tão cedo. A multidão, formada por gente de todo o Israel, desde a subida de Hamate, ao norte, até a fronteira meridional com o Egito, se espreme atrás dos trios elétricos. Das janelas das casas e do alto das muralhas, alguns gaiatos borrifam urina de camelo sobre os foliões. Pelas ruas, o álcool e as drogas correm soltos. Um grupo de danitas, após fumar uma boa quantidade de raiz de mandrágora, mostra o pinto para as moças que passam, dizendo "Também sou judeu, ó aqui" com seu estranho sotaque. Do alto do principal carro alegórico, o carnavalesco Yowab ben Yowab Shelowshiym[1] admira a grande festa toda organizada por ele em tempo recorde.
Porque a festa não era para ser esse carnaval todo. Trata-se, na verdade, da Festa das Barracas, instituída lá no Levítico. A idéia toda da festa é relembrar os tempos do Êxodo. Para isso, durante sete dias por ano os israelitas saem de suas casas e moram em tendas. Dessa vez, porém, a festa está empolgada demais. E por quê? Alívio.
No último capítulo (lá se vão quase três meses, melhor reler), vimos que Salomão concluiu a construção do Templo. Ficou faltando, porém, um objeto sem o qual a Casa de Deus seria uma casa vazia: a Arca do Acordo, verdadeira manifestação da presença de Javé. Ora, transportar a Arca por aí não era nenhuma brincadeira de criança. Que o dissessem os filisteus: após roubar o baú sagrado dos israelitas, pensaram ter humilhado Israel. Tiveram, porém, que devolvê-lo rapidinho depois que Javé mandou sobre eles uma constrangedora praga de hemorróidas. Na volta para Jerusalém, um boi tropeçara, fazendo a Arca escorregar do carro que puxava. Um tal Uzá, muito bem intencionado, tentou impedir a queda, e foi fulminado assim que encostou a mão na Arca. Tendo em vista esse retrospecto, é compreensível que a perspectiva de carregar a Arca, mesmo que fosse pela curta distância que separava o antigo palácio de Davi do novo Templo, fosse algo preocupante para todos, especialmente Salomão.
Pensando assim, o rei achou melhor arrumar todo o respaldo com que pudesse contar. Aproveitando que viria gente de todo o Israel à capital para celebrar a Festa das Barracas, Salomão convocou todos os chefes das tribos e clãs do país para irem se encontrar com ele e ajudar na mudança da Arca para o templo. Quando chegou o mês de etanim (sétimo mês do antigo calendário hebraico, que ficava entre setembro e outubro), os israelitas

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

vieram em massa à capital, e também os líderes chamados pelo rei.
Na presença dos chefes todos, os sacerdotes e os levitas (cagando de medo, imagino) botaram sobre os ombros os varais que sustentavam a Arca e levaram o objeto sagrado até seu lugar de direito: o espaço entre as asas dos querubins no Santo dos Santos, a morada de Deus dentro do Templo.
Com a Arca já em seu lugar, todos saíram.

— E agora?
— Sei lá.
— Hum.
— Pelo menos não morreu ninguém.
— Isso é.
— Mas e agora?
— Hum…
— Vambora?
— Melhor. Parece que vai ch…
ZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZP!
De repente, do templo saiu uma luz forte, como se mil flashes disparassem ao mesmo tempo. Algumas bichinhas presentes acharam que fosse isso mesmo, adotando imediatamente as poses mais blasé, o que foi motivo de chacota mais tarde. Tratava-se, na verdade, do próprio Javé descendo até o Templo para ver se estava tudo certinho.
Estava resolvido: a Arca fora transportada sem maiores problemas, e Deus aceitara a casa que Salomão construíra para ele. Emocionado, o rei gritou lá para dentro:
— Oh, Grande Truta das Parada Lá de Cima! Tu postes o sol lá no céu, e resolveres morardes entre as nuvem escura. Mas eis que levantei a goma para vós, e tu aceitastes e vinheste morar aqui com nóis na parada, estás ligado? Amém!
O povo aplaudiu, e Salomão resolveu improvisar um discurso:
— Manos de Israel! Essa vai pra tudo os mano de Sunén, Bete-Peor, Horma, Megido, Hazor, Jabes. Aê, pra todo mundo que tá nas quebrada aí, só na humildade, correndo atrás. Nosso Grande Camarada Sangue Bão das Quebrada do Céu é ponta firme memo, cês tão ligado? Ele deu a letra pro meu véio que eu que ia vir e fazer tudo a parada do Templo e pá e pum. Agora tá tudo no esquema, com a Arca lá no meio dos querubim. É isso aí. Paz. Poder Para o Povo de Pau Cortado. É nóis, obrigado pelos aprauso.
Os aplausos dessa vez foram mais calorosos, e levaram Salomão a mais um surto de

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

inspiração oratória. Dessa vez, foi até o altar para falar com Javé. Sabendo, no entanto, que o deus israelita não primava exatamente pelo humor estável, resolveu portar como bom malandro: antes de se aproximar, levantou os braços e se ajoelhou no chão. Nessa posição, começou a falar:

— Javé, Javé, tu sois o cara! Olhais aí o vosso povo de Israel, que beleza, Javé! Cuidais aqui das nossa parada, Sangue Bão do Céu. Ficais aqui com nós, protegendo dos filhodaputacorno… Ô, foi mal aê, Javé. Protegendo nós dos inimigo. Ajudais os mano que vierem aqui no Templo para pedir sua proteção, Grande Truta. Ficais com seu povo na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, a parada toda do casamento, estás ligado? Amém, Mano!

E continuou, dirigindo-se novamente ao povo:

— Manos de Israel! Tá tudo pela órdi. Já é! Bora chapá o coco!

Está explicado, portanto, porque Israel está nessa festança toda. A comportada Festa das Barracas tornou-se quase uma orgia, tamanha era a tensão a ser liberada pelo povo. Os preparativos de Salomão e do carnavalesco Yowab ben Yowab Shelowshiym ficaram à altura: foram sacrificados 22 mil bois e 120 mil ovelhas.

Depois de sete dias de festa e mais um para curtir a ressaca, os israelitas voltaram para suas casas. Da sacada de seu quarto, Salomão acenava para a correnteza de homens e mulheres que andavam pelas estradas que saíam de Jerusalém, e dizia, emocionado:

— Javé vos abençoeis, manos. Javé vos abençoeis.

[1] Procurei “João” em hebraico mas não encontrei. Escolhi, portanto, um nome próximo: Joabe (Yowab). Para fazer o diminutivo, chamei o sujeito de Yowab ben Yowab (Yowab filho de Yowab, ou Yowabe Júnior, ou Yowabinho para os íntimos). Então fui ver como se escrevia o numeral 30 em hebraico. Salvo engano, é isso aí: Shelowshiym. Yowab ben Yowab Shelowshiym, portanto, é minha tentativa um tanto rebuscada de criar um Joãosinho Trinta judeu.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Salomão paga as contas

(I Reis 9)

Após grandes obras vêm grandes rombos nos cofres públicos. Há que pagar as empreiteiras, os lobbystas, as autoridades envolvidas, todo mundo. Vendo que o governo abriu a mão, os financiadores da campanha tentam receber antigas dívidas, e o rombo aumenta ainda mais. Isso é verdade hoje, e já o era nos tempos de Salomão.
Terminado o templo e o palácio do rei, erguidas as muralhas de Jerusalém e aterrado o lado leste da cidade, era hora de botar a mão no bolso. As obras haviam durado vinte anos, e incluíam a reconstrução de cidades inteiras. Gezer, por exemplo, fora completamente destruída pelo Faraó egípcio (existe outro tipo de faraó?) ainda durante o reinado de Davi. Agora, em paz com Israel e tendo dado sua filha como esposa a Salomão, o soberano oferecia a cidade como presente de núpcias. Belo presente, uma cidade arrasada. Salomão reconstruiu a cidade, assim como Hazor, Megido, a parte baixa de Bete-Horom, Baalate e Tadmar. O rei também deu um tapa nas cidades onde estabeleceria seus armazéns de mantimentos e seus estábulos.
A publicidade era boa. "Transformando Israel num Canteiro de Obras", "Duzentos Anos em Vinte", essas coisas. As contas, porém, ainda precisavam ser pagas, e o maior credor do Estado era Hirão, rei de Tiro. Hirão havia fornecido todo o material para as obras e quatro toneladas de ouro. Salomão mandara construir uma frota de navios em Ezion-Geber, no Golfo de Ácaba, e o rei de Tiro enviara seus melhores marinheiros para manejar as naus. Junto com os homens de Salomão, esses marinheiros foram até a misteriosa terra de Ofir, trazendo de lá mais de catorze toneladas de ouro (há quem afirme que a distante terra de Ofir ficava onde hoje é o Peru, e no filme *Roberto Carlos e o Diamante Cor-de-Rosa* o Rei Ciborgue descobre que os marinheiros de Salomão navegaram pela Baía de Guanabara).
Com tantos serviços prestados à nação israelita, era de se esperar que Salomão pagasse Hirão com algo grande. O governo de uma tribo, no mínimo. Mas que nada! Salomão era rico, sábio, empreendedor, mas também era judeu: pagou seu maior parceiro com vinte cidades muito chinfrins na região da Galiléia. Coisa como Carapicuíba, Itaquaquecetuba, Guarulhos, Mairinque. Só osso. Hirão foi ver as cidades e se decepcionou. Aquela região passou então a chamar-se Cabul, que em hebraico quer dizer "Puta que pariu, Salomão, que sacanagem!".

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Como se não bastassem os percalços com as contas das obras que só não eram faraônicas porque não foram feitas no Egito, Salomão também teve de enfrentar acusações segundo as quais ele teria utilizado cidadãos israelitas como escravos nas construções. Porque, vejam, toda aquela coisa de unificação do reino feita por Saul e Davi era apenas conversa oficial. Na realidade, o reino continuava dividido entre a minoria rica de Judá, no norte e a maioria pobre e esquecida de Israel, no sul (graças a Deus o mundo mudou, né?). O primeiro livro dos Reis é, acima de tudo, uma publicação oficial. Este capítulo, portanto, esforça-se para negar essas acusações, dizendo que todos os escravos utilizados nas obras eram amorreus, heteus, perizeus, heveus, jebuseus, enfim, descendentes dos caananitas que habitavam a terra antes da chegada de Josué e seus homens endurecidos por quarenta anos vagando pelo deserto. Segundo o texto, os israelitas serviram como soldados, oficiais, comandantes e cavaleiros. Verdade ou mentira? Não importa: a propaganda oficial está sempre acima desses conceitos abstratos.

Com tanta polêmica por todos os lados, restava a Salomão buscar ajuda espiritual. Durante as obras e depois delas o rei oferecia sacrifícios, queimava incensos e dava ofertas para o serviço religioso três vezes por ano. Vendo todo aquele zelo, Javé resolveu que era hora de falar com o rei novamente.
— Salomão!
— Coé?
— Que coé o quê! Meu nome é Javé!
— Javé! Perdoai-me-vos, ó grande Javé, perdoai-me-vos. Julgava eu que algum mano me vinha-me aporrinhar-me a mim. O que mandais, Grande Truta das Parada Firmeza do Céu?
— Vim dizer que gostei muito do templo, viu?
— Gostaste-vos?
— Gostei. Muito bonito, arejado, bem decorado. Uma beleza. Gostei tanto que até vou morar lá.
— Agradeço-te, Javé!
— Tá, tá. Mas vê lá, hein? Se esse povinho bunda pisar na bola comigo, eu pico a mula.
— Picareis a mula, Javé?
— Foi o que eu disse, porra. Conheço esse povinho. Todo mundo muito bonzinho, e é só Javé pra cá, Senhor pra lá, El Shadday pra cá, Elohim pra lá. Pois sim! Basta eu me distrair um pouco e já estão oferecendo sacrifícios a Moloque, Dagom, Astarte, ou o

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

diabo do deus que estiver na moda. Então pode anotar aí: se esse povo fizer besteira, eu abandono esse templo, e mando os israelitas todos para a casa do chapéu. E tem mais: o templo será destruído pelos seus inimigos, e Israel será motivo de piada entre os povos. E não essas piadas manjadas de judeu: coisa muito mais séria e ácida. Vendo as ruínas do templo, algum viajante há de perguntar o que aconteceu. E responderão: “Isto aí era um templo grandioso, que foi destruído porque o povo abandonou seu deus”. Tá entendendo, Salomão?
— Compreendo-vos, ó Javé.
— Tá bom. Então vou ali me acostumar à casa nova.

Muito tempo depois, o templo seria mesmo destruído. Mas isso ainda estava longe, e Salomão viveria para ver a prosperidade de Israel e desfrutar sua fama.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

A rainha de Sabá visita Salomão

(I Reis 10)

Não tardou para que as notícias sobre a sabedoria do rei de Israel e as obras que realizava por todo o reino se espalhassem pelo mundo. Bom, pelo mundo conhecido então, que não era muito. Coisa como um boato sobre José Serra chegar a Salvador. De qualquer forma, era crescente a fama de Salomão. Tanto que a rainha de Sabá resolveu ir a Israel para conferir as novas que lhe chegaram aos ouvidos.

Onde ficava Sabá? Não se sabe ao certo. Especula-se que o reino incluiria parte das atuais Somália e Etiópia, e parte da Península Arábica. De acordo com a tradição, a capital do reino ficaria onde hoje é Marib, capital do Yemen. Se isso estiver correto, concluímos que a rainha percorreu uma distância equivalente à que há entre São Paulo e Aracaju.

Pois muito bem: num belo dia a rainha de Sabá arrumou seus mullets, vestiu sua melhor camisa xadrez e suas calças largas de lona, calçou seus Vulcabrás 752 nº 44, e pegou a estrada em seu caminhão. No baú, levava especiarias, pedras preciosas e mais de quatro toneladas de ouro. Dias depois chegava ao palácio de Salomão.

A rainha ficou impressionada com tanta riqueza. O Salão da Floresta do Líbano, por exemplo, era decorado com quinhentos escudos que continham entre dois e sete quilos de ouro cada um. O trono do rei era revestido de marfim e ouro puro. Os seis degraus que levavam ao trono eram ladeados por esculturas de leões, e havia um leão esculpido de cada lado do assento. As taças utilizadas pelo rei eram de ouro, assim como todos os objetos do Salão da Floresta do Líbano. O rei mantinha 1.400 carros de guerra e doze mil cavalos puro sangue. Os cavalos eram importados de Musri e da Cilícia, cidades que ficavam na atual Turquia, e os carros vinham do Egito.

De onde vinha tanta riqueza? Para começar, os impostos pagos pelos comerciantes, pelos administradores do reino e pelos reis árabes que viviam sob domínio israelita. A frota de navios de Israel, uma joint venture entre Salomão e Hirão, voltava a cada três anos trazendo ouro, prata e animais exóticos. Para completar, a fama de Salomão atraía visitantes que, assim como a rainha de Sabá, lhe traziam presentes.

Que Salomão era rico, a rainha logo notou. Mas seria mesmo sábio? Ela decidiu testá-lo:

— Aê, mano. Me disseram que tu é ligeiro que só a porra, tá ligado?

— Queisso, se liga. Eu tô aqui só na correria. Esse negócio aí de sabedoria é os mano de fé que fala, mas eu fico na humildade, tá ligada?

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— Só…
— Essas parada me azucrina as idéia. Eu sou ligeiro, podicrê, mas o resto é exagero.
— Queisso, mano? Está louco de raiva[1]?
— Não, mina, se liga! Cê que chegou há pouco de fora e não tá ligada nas parada israelita e pá.
— Ah, então foi mal aê.
— Pela órdi.
— Então, mano. Meu caminhão tá com o tanque quase vazio. Um mano aí me deu a fita que eu podia abastecer logo atrás do palácio.Cê tá ligado quem tem posto aí atrás?
— Ih, véi, sei de nada. Atrás aqui da parada só tem a quitanda do japonês. A senhora gosta de verdura?
— Ah, sim. Disseram que teu véio plantava nas quebrada dele. É verdade que teu pai tem terra?
— O véio já subiu, mina. Vamo falar de outras parada. Zoologia, manja?
— Cê manja zoologia?
— Daquele jeito, né?
— Então cê sabe se jacaré no seco anda?
— Não, nadavê. Jacaré no seco atola.
— Se liga, véi!
— Ô, dona majestade. Foi mal aí. Fui muito duro com a senhora?
— PÁRA!
— Pela órdi, já parei. Desculpe por tudo.
— TÁ CERTO! CÊ É LIGEIRO QUE SÓ A PORRA! CHEGA!
— Hehehe. Tá vendo você errada? Vem aqui na minha quebrada, nem nunca me trombou na vida, e acha que já pode vir me tirando? Se liga!
— Tá certo, mano. Tava dando um migué pra ver coé. Mas tá certo, cê é mais ligeiro do que os mano fala por aí. E mais rico também, tipo aqueles mano gangsta, tá ligado? Mó preza. Suas mina só anda nos pano, tudo peteca. Os mano do palácio deve ficar tudo ligeiro só de trocar idéia contigo. Que o seu deus, Javé, te abençoe.
— Amém, pela órdi.
— Agora vou dá linha.
— Paz.
— Paz.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Convencida da sabedoria do rei de Israel, a rainha pegou seu caminhão e voltou para Sabá. Após sua visita, Salomão convenceu-se de vez que era o mais sábio dos viventes:

— Vixe! Apavorei!

E isso seria o princípio de sua queda.

[1] Os trechos sublinhados são trocadilhos dos mais infames, caso vocês não tenham percebido.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

O declínio do reino de Salomão

(I Reis 11)

Sentado à sombra de uma figueira enquanto espera a caravana das cinco para Efraim, Jeroboão assovia feliz. Vez em quando olha para trás, para as recém-reformadas muralhas de Jerusalém. Ele veio à capital justamente para trabalhar naquela obra. A vida no norte era cada vez mais dura, e a população migrava em massa para o sul, para a vibrante cidade de Davi. Nem todos, porém, tinham a sorte que Jeroboão teve. Um dia, enquanto vistoriava as obras, o rei Salomão notou a vontade com que aquele israelita trabalhava sob o sol alto do meio-dia, cantando as canções do norte e as moças que passavam por perto. Impressionado com a vivacidade do rapaz, Salomão chamou um dos supervisores da construção:

— Ô, véi. Chega aí. Quem é aquele mano ali?

— Jeroboão, filho de Nebate e Zerua. A família é de Zereda, na tribo de Efraim. Zerua é viúva, e criou o menino a muito custo. E ele, assim que teve a oportunidade, veio para o sul tentar a vida.

— O moleque é sangue bom, então?

— É sim senhor.

— Da hora… Ô mano! Você memo! Chega aí! Cê que é o tal de Jeroboão?

— Sim sinhô, sim sinhô.

— Nome feio da porra, véi!

— Nome feio? Arre, égua! E o nome do fio do sinhô num é Roboão? É quase o mesmo!

— Ixe, podicrê. Me pegou. Aê. Fiquei sabendo que o mano veio lá do norte, na humildade, pra morar nas quebrada da periferia e arrumar aí as correria pra se garantir. É isso aí memo?

— Graças a Deus e meu padim Ciço.

— Quem?

— Nada não sinhô.

— Aê, se liga: vou botar você de chefe aqui da parada, tá ligado? Quero ver você só nos pano, cheio das mina e pá.

— Ô, excelença! Fico muito gradecido!

— Se liga, mano. Só na humildade aí. Paz.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Desde então Jeroboão vinha atuando como encarregado de todos os trabalhadores forçados que vinham das tribos de Efraim e Manassés. Meses depois, o vemos à sombra da figueira contando os minutos para chegar de volta à sua cidade natal. Veste suas melhores roupas, e traz o cabelo meticulosamente engomado. Pensa na surpresa da família ao vê-lo chegar, tão diferente, tão mais corado e bem vestido. Pensando nisso, sorri e assovia. Sente que sua vida chegou ao auge. Supervisor de obras na capital do reino, que maravilha! Nunca alguém de Zereda chegou tão longe.

Do lado de dentro das muralhas, no palácio, Salomão diverte-se em seu harém. Está bem velho, então boa parte da diversão consiste em trocar ditos espirituosos e picantes com algumas de suas setecentas esposas e trezentas concubinas, arranjadas por todos os cantos do mundo conhecido. À entrada do harém, uma tabuleta informa: *"As Minas do Rei Salomão"*.
Após algumas horas de diversão, Salomão se despede de suas mulheres e se dirige a seus aposentos. Pretende tirar uma soneca antes do jantar. Mal encosta a cabeça no travesseiro, porém, e é interpelado por uma voz autoritária:
— Salomão, caralho!
— Javé? Sedes vós?
— Não, é o frio. CLARO QUE SOU EU, PORRA!
— Acalmai-vos, Javé, acalmai-vos. Por que vos apoquenteis?
— Você pensa que eu sou idiota, não é, Salomão? ACHA QUE EU SOU TROUXA!
— Mas de jeitimaneira, Javé, te juro-vos!
— ACHA SIM! Pensa que o tempo passa para mim como passa para você, e que já estou velho, cego, surdo e broxa? POIS NÃO ESTOU! Vejo muito bem os altares que você construiu, os ídolos que mandou fazer. E o que se vê nesta cidade agora? Um altar para Moloque aqui, outro para Astarote ali, outro para Quemos acolá.
— Dissestes a verdade, oh Javé. Mas porém no entanto todavia só para vós erigimo-nos um templo inteiro, com paradas de ouro e tal.
— NÃO INTERESSA! O ÚNICO DEUS DESTA PORRA AQUI SOU EU, TÁ ME ENTENDENDO? EU!
— …
— Eu disse a você o que já tinha dito a seu pai: que se me obedecesse, se fosse leal a mim por toda a vida, eu estaria sempre com essa família, fortalecendo a dinastia e tornado Israel cada vez mais próspero e poderoso. Mas não! Você tinha que se casar com

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

mil mulheres, e aceitar em Jerusalém os deuses de todas elas. Agora esta cidade está que é um inferno! São tantos os deuses que ninguém sabe mais a quem adorar. E de quem é a culpa? SUA! SÓ SUA!
— Oh, Javé, perdoai-vos-me! Eu não sabia o que estava fazendo, ligai-vos?
— Não sabia um cacete! Há tempos eu percebi que você começou a se perder, e tentei alertá-lo. Mandei inimigos para espiaçarem o reino, para ver se você se mancava, mas você preferiu continuar as orgias no palácio até não poder mais. Você quebrou o acordo que eu tinha com sua família, e por isso eu deveria acabar com essa dinastia. Porém, em respeito a seu pai Davi, que foi leal até o fim, vou manter sua descendência no trono. Mas o reino será rasgado de suas mãos, e só restará a seus descendentes um mísero retalho do velho Israel.

Ao falar dos inimigos, Javé referia-se a dois sujeitos que haviam dado um trabalho desgraçado a Salomão, liderando revoluções e badernas. Um deles, um edomita chamado Hadade, tinha lá suas razões para votar ódio à família real. Muitos anos antes, quando ainda era menino, vira Joabe, o comandante do exército de Davi, comandar um massacre em seu país. Hadade só escapara graças à esperteza de alguns escravos de seu pai, que conseguiram fugir para o Egito com o garoto. O faraó apiedou-se dos exilados, e forneceu-lhes casa e comida. Já adulto, Hadade caíra nas graças do faraó de tal forma que este lhe deu a mão da irmã de sua esposa, a rainha Tafnes, em casamento.
Foi com surpresa, portanto, que anos depois o faraó recebeu a notícia de que Hadade pretendia voltar a Edom. Afinal, era cunhado do rei, e seu filho, Genubate, era educado no palácio. Ele soubera, porém, que Davi e Joabe estavam mortos, e que essa era a hora propícia para voltar e liderar os edomitas contra a opressão de Israel. Foi tão bem sucedido em suas investidas que acabou coroado rei de Edom, e por toda a vida causou dores de cabeça a Salomão e seu exército.
Outra pedra no sapato de Salomão era um tal Rezom, filho de Eliada. Rezom era escravo do rei de Zoba, Hadadezer, quando este foi derrotado por Davi, que matou seus aliados, os sírios. Vendo-se livre de repente, o ex-escravo foi para o deserto e se tornou chefe de uma quadrilha. Não é de hoje que grandes bandidos chegam ao poder: quando soube que Salomão reinava sobre Israel, Rezom voltou à Síria e foi coroado rei em Damasco. Anos depois, ele se tornaria um inimigo ferrenho de Israel.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

O terceiro e pior inimigo reservado para Salomão e sua descendência está agora inconsciente disso. Apenas espera, assoviando, a caravana que o levará a Efraim. Alguém se senta a seu lado na raiz da figueira. É um homem de meia-idade, barbudo e com os olhos brilhando com não pouca dose de desvario. Fora isso, porém, é um senhor respeitável, e enverga uma capa nova e de cores brilhantes. Jeroboão resolve puxar conversa:

— Vai pra onde?

— …

— Eu tô indo mimbora pra Zereda. Conhece Zereda?

— …

— Terra de Babalão, filho de Noca, tia de Zé Bucho… Conhece não?

— …

— Bom, é lá pras bandas de Efraim. Ô, terrinha boa! Ô, saudade da moléstia!

— …

— Hômi, tu não fala não, é?

— Falo. Eu…

— Eita preula! Téquenfim!

— CALE-SE! Eu sou o profeta Aías, de Siló. Trago um recado a você.

Dizendo isso, o homem levanta-se, tira a capa e começa a rasgá-la em tiras.

— Arre, égua! Tu é doido, hômi?

— Rasguei a capa em doze tiras. Tome essas dez.

— E pra que eu quero uma capa toda esmolambada, rapaz?

— A capa rasgada é um símbolo!

— Símbolo de doidice…

— CALE-SE! Javé mandou que eu lhe dissesse o seguinte: o reino será rasgado das mãos de Salomão, cuja descendência reinará sobre apenas duas tribos. O rei desobeceu ao único Deus verdadeiro, e adorou os deuses de suas esposas. Por isso o reino será dividido, e você, Jeroboão, reinará sobre a maior parte de Israel.

— Peraí, hômi, peraí… Então Javé disse que eu vou ser rei, foi?

— Isso mesmo.

— E que o filho do rei vai ficar só com um tiquim de terra, foi?

— Exato.

— Hômi… Vá se sentar num mastruço, que eu já tô quase perdendo minha caravana.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— Mas, Jeroboão…

— APAPORRA! ÔXI!

Irritado, Jeroboão partiu para Efraim. Na primeira noite em sua cidade, porém, seu quarto foi invadido por dois guardas que tinham a clara intenção de matá-lo. Percebendo que Salomão de alguma forma soubera de seu encontro com Aías, e que, pior que isso, levara a sério as palavras do profeta, Jeroboão achou mais prudente picar a mula e se esconder no Egito até as coisas se acalmarem.

Não demorou muito. Meses depois, já bastante combalido, Salomão proferiu suas últimas palavras:

— Já era, ó…

O rei foi enterrado em Jerusalém. Israel jamais veria um rei como ele, e o próprio país nunca voltaria a ser o mesmo. A prosperidade israelita sob Salomão permaneceria inigualável. A divisão do reino serviria apenas para enfraquecer a nação.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

A divisão do reino

(I Reis 12)

Salomão, como todos sabemos, não era besta nem nada. Escaldado pelo perrengue que fora a sucessão de Davi, com tanto sangue derramado, o sábio rei definiu seu sucessor com antecedência: seu filho Roboão. Os dois despachavam diariamente no Kibutz do Torto, em Jerusalém. Com a morte de Salomão, não restava dúvida que o rei seria Roboão, e a sucessão, pela primeira vez na curta história da monarquia israelita, tinha tudo para ser tranqüila. O clima de paz e tranqüilidade era tamanho em Israel que até Jeroboão criou coragem para voltar de seu exílio no Egito. Não era o mesmo Jeroboão, porém: transformara-se quase numa lenda nas tribos do norte, e foi natural que o povo o visse como um líder.

Aconteceu, então, que Roboão foi a Siquém para ser coroado. Uma belíssima festa com música, fogos de artifício, shows populares. Tudo estaria perfeito não fosse um detalhe: as relações entre o sul e o norte, que nunca foram das melhores, acabaram de degringolar-se durante o reinado de Salomão. O velho rei dava muita atenção a Judá e pouco fazia por Israel. Tendo isso em mente, um grupo de representantes do norte foi falar com o novo rei, tendo Jeroboão como líder:

— Majestade, a gente trabalha de sol a sol que é para Israel ser o país bom danado que sempre foi. Só que nossa vida ficou arretada de difícil com o velho Salomão. Era imposto demais e retorno de menos, não há cabra que agüente. O senhor bem podia lembrar da gente, e aliviar essa carga.

— Aí, mermão. Vou pensar. Cês voltem daqui a três dias e eu dou uma resposta, valeu?

— Pronto.

A coroação transcorreu sem maiores problemas, e os israelitas voltaram para casa na expectativa da resposta de Roboão. Quanto ao rei, tratou de reunir-se com os conselheiros de seu finado pai. A resposta dos velhos foi sóbria: se o rei atendesse ao pedido do povo do norte, o reino permaneceria unido. Roboão, porém, não se contentou com esse conselho. Era jovem, voluntarioso. Andava acompanhado de um pitbull malvado de olhos vermelhos chamado Javé, gostava de arranjar briga e andava com um grupo de baderneiros. E foi justamente a seus amigos que foi pedir conselho sobre o assunto.

— Aí, os paraíba tão querendo sossego, é? Num fode, Roboão! Fala pra eles que a partir de agora é que o bicho vai pegar. Era ruim com seu véio? Pois eles vão ver agora. Não

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

pode dar moleza pra liso não!

Dois conselhos opostos, e é claro que Roboão resolveu seguir o segundo. Três dias depois, quando Jeroboão e os outros israelitas voltaram, foram surpreendidos pela cara de poucos amigos do rei e de Javé (o cão, não aquele que já conhecemos).

— Podem voltar pra casa, seus paraíba liso do caraio. Querem vir estrondá pro meu lado? Tão tirando onda? Num fode! Meu dedinho é mais grosso que a pica do meu pai, tão sabendo?

— Hã?

— Seus paraíba burro! Tô falando que, se meu pai dava chicotada em vocês, eu vou dar logo é pipoco nos cornos, pra vocês deixarem de ser babacas, valeu? Fui!

Ao ouvir aquilo, Jeroboão ficou transtornado. Chegou a meter a mão na cintura para puxar a peixeira, mas foi detido por seus companheiros.

— TU TÁ PENSANDO QUE É MUITA BOSTA, SEU CABRA? OLHA QUE EU TE CAPO, PORRA! BORA, BORA TODO MUNDO PRA ISRAEL. A GENTE NÃO PRECISA DE JUDÁ É PRA NADA!

Os israelitas foram embora, e Roboão percebeu que aquilo seria o início de uma revolta. Em vez de tentar negociar, resolveu provocar ainda mais os israelitas: chamou Adorão, responsável pelos tributos, e juntos foram a Israel. Ao ver quem chegava a suas terras, um grupo de israelitas começou a atirar pedras no cobrador de impostos. Já caído no chão, Adorão pediu socorro, mas o rei já havia pulado para dentro de seu carro.

— Vô ralá peito daqui, doido. Foi mal aê!

O rei voltou a Jerusalém desmoralizado, e Israel instituiu Jeroboão como rei. De um momento para outro, Roboão reinava apenas sobre Judá e Benjamim, deixando as dez tribos do norte sob a tutela do antigo pedreiro. Roboão ainda tentou armar alguma resistência, juntando soldados das duas tribos para atacar seus irmãos do norte. Foi impedido, porém, pelo profeta Semaías.

— Desista, majestade. Javé falou comigo hoje…

— Tá falando com cachorro, leke?

— Nosso DEUS Javé…

— Ah. Esse.

— É. Então, ele disse que o negócio todo da divisão do reino é coisa lá dele, e que não é pro senhor se meter.

— Porra, maluco.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— Melhor não discutir.

— Mas que merda…

Enquanto isso, livre da ascendência política de Judá, Jeroboão preocupava-se com outro tipo de influência, mais perigosa: a religião dos dois reinos ainda era uma só, e havia um só lugar para adoração, que era o templo de Jerusalém. O rei matutou, matutou, e decidiu pelo caminho mais fácil: mandou fazer dois bezerros de ouro e botou um em Betel e outro em Dã.

— Companheiros de Israel! Esses são os deuses que tiraram vocês do Egito.

— Eita preula, majestade. Duas reses?

— CALABOCA! Ir pra Jerusalém dá um trabalho amuado. Os nossos deuses são esses, e lambam.

O povo aceitou os novos deuses sem grande resistência. Afinal de contas, Jerusalém era mesmo muito longe. Além de alçar os bezerros à divindade, Jeroboão instituiu sacerdotes e sacerdotisas, e datas de festas sagradas mais ou menos coincidentes com aquelas da religião tradicional.

Estava formado o furdunço.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Javé condena a seita de Jeroboão

(I Reis 13)

É da eterna prepotência humana acreditar que Deus ouve todas as orações e as considera uma por uma. Nada mais pretensioso. O que ocorre, na verdade, é que as orações são dirigidas ao Limbo. O Limbo, como vocês sabem, é o lugar do além reservado aos infiéis virtuosos e às crianças que morrem sem batismo. Toda oração que é feita aqui da Terra, independentemente da religião de quem profere a prece, é encaminhada ao Limbo. Lá os receptores classificam as orações de acordo com a filiação religiosa e as repassam ao Purgatório.

O Purgatório, como vocês também sabem, é reservado àquelas pessoas que não foram boas o suficiente para ir para o céu nem más o bastante para queimar no inferno. Como o próprio nome diz, é um local para purgar os pecados cometidos em vida. O que vocês não sabem é que todo mundo que vai para o Purgatório é colocado para trabalhar numa central de atendimento. Cada religião, seita ou culto tem seu próprio contact center por lá. Os atendentes, sentados em suas baias com seus headsets, recebem as orações do Limbo e a encaminham ou não ao Céu (ou ao Inferno, no caso dos satanistas). Preces que tenham alguma relação com ganhar na loteria, por exemplo, são sumariamente descartadas. Pedidos para passar no vestibular são analisados caso a caso. E assim vai. Assim que a oração é repassada, cessa a responsabilidade do Purgatório.

"Mas o que tem isso a ver com o reino dividido de Roboão e Jeroboão?", há de perguntar um que outro leitor mais impaciente. Já explico.

Aconteceu que, nos tempos de Jeroboão, um dos atendentes da empresa de contact center dedicada ao judaísmo no Purgatório recebeu uma ligação urgente do Limbo. A pessoa do outro lado da linha parecia agitada.

— A religião de vocês tem alguma coisa a ver com bezerro?

— Um momento, senhor. Vou estar verificando.

[musiquinha de espera]

— Obrigado por aguardar, senhor. No judaísmo, os bezerros são utilizados em rituais de sacrifício ao nosso deus, Javé.

— Só isso?

— É o que consta no relatório, senhor. "O bezerro vai estar sendo sacrificado a Javé, que vai estar aceitando ou não o sacrifício. Se no caso Javé não aceitar, ele vai estar

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

fulminando quem ofereceu o sacrifício, para estar deixando de ser besta". Mais alguma informação, senhor?
— Tenho recebido umas orações estranhas aqui, nego falando em bezerro. "Ouvi nossa prece, ó Grande Ruminante! Parai de pensar na morte da Bezerra, sua santíssima progenitora". Essas coisas.
— Senhor, não tenho informação sobre esse tipo de oração dentro do judaísmo. O senhor tem certeza que não foi algum hindu? Sabe como é hindu: adora tudo que é coisa estranha.
— Que mané hindu! Aqui eu só recebo oração dos narigudinhos. Era judeu mesmo.
— Pois não, senhor. Vou estar anotando sua solicitação e passando ao setor responsável.
— Obrigado.
— Mais alguma informação?
— Não, só isso.
— A Shalom Contact Center agradece por sua ligação. Tenha uma ótima tarde!
— Bah.

Essa foi apenas a primeira ligação. Durante o dia, os ramais da central ficaram congestionados com tantas ligações de ouvidores do judaísmo reclamando do crescente número de preces destinadas não a Javé, mas a um bezerro. "Tem boi na linha", comentou um atendente mais gaiato, mas foi logo advertido por seu supervisor. O supervisor passou o problema para o gerente, que o repassou para o diretor, que o empurrou para o presidente, que decidiu que aquilo era problema do Céu. Enviou, portanto, um relatório ao Paraíso. O anjo que o recebeu não soube o que fazer daquelas informações, então enviou o relatório a seu arcanjo-chefe. O arcanjo-chefe resolveu repassar o problema às potestades superiores. Resumindo: só meses depois, quando o culto dos bezerros no Reino do Norte já estava consolidado, é que Javé veio a receber a notícia. Ficou puto, esbravejou, ameaçou demitir todo mundo. Foi lembrado por um serafim, porém, que todos tinham estabilidade de emprego e não podiam ser demitidos. O Senhor dos Exércitos maldisse as leis trabalhistas, jogou a cadeira para o outro lado da sala, esmurrou a parede. Já mais calmo, procurou na agenda o telefone de algum profeta confiável que estivesse desocupado.
No judaísmo, só os profetas tinham o número do telefone vermelho de Deus. Não foi, portanto, grande surpresa para esse profeta de Judá ver em seu identificador de chamadas

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

o nome "Javé" piscando. Atendeu, ouviu os gritos, concordou com tudo e foi cumprir sua missão

No dia seguinte, quando Jeroboão estava diante do altar de Betel oferecendo sacrifícios a seus deuses bovinos, levou um susto com o grito do profeta de Judá, recém-chegado de viagem.
— Ó, ALTAR MALDITO! JAVÉ MANDA DIZER QUE VIRÁ UM REI CHAMADO JOSIAS [(1)], QUE QUEIMARÁ SOBRE VOCÊ OS SACERDOTES QUE OFERECEM SACRIFÍCIOS A OUTROS DEUSES!
Em seguida, contradizendo-se, o profeta continuou:
— COMO PROVA DE QUE FUI ENVIADO POR JAVÉ, ESSE ALTAR VAI SE QUEBRAR EM PEDAÇOS.
Jeroboão nem parou para pensar em como é que o tal Josias viria a queimar gente sobre aquele altar, se ele ia se quebrar em pedaços. Em vez de entrar numa discussão que poderia ser longa e enfadonha, apelou para seus poderes reais, apontando para o profeta e gritando:
— PEEEEEEEEEEEEEEEEGA ESSE CABRA SEM-VERGONHO!
No mesmo instante o braço do rei ficou paralisado e sua mão secou. O altar implodiu e suas cinzas espalharam-se pelo chão. Assustado, quase chorando, Jeroboão disse ao profeta:
— Rapaz, faça isso não! Diga a Javé que eu tenho muito apego por essa mão, posso ficar sem ela não…
O profeta orou, e imediatamente a mão do rei voltou ao normal e ele recuperou os movimentos do braço. Aliviado, botou as mãos sobre os ombros do profeta e propôs:
— Bora lá em casa mais eu? Lhe dou um agradozinho…
— O senhor está tentando subornar?
— Subornar? Deixe disso, homem! É só uma lembrancinha, uma bestagem!
— Mas nem que o senhor me oferecesse metade da sua fortuna. Javé me ordenou que não comesse nem bebesse nada aqui, que não aceitasse nada de ninguém, e que não voltasse pelo mesmo caminho que segui para vir pra cá.
— Arre, égua! Por quê?
— Misteriosos são os caminhos do Senhor.
— Eita, piaba. Bom, tu é que sabe.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Sem pedir licença ao rei, o profeta saiu dali e começou sua viagem (por outro caminho) para o Reino do Sul.

Mal o profeta saiu, dois rapazes que ouviram a conversa correram para a casa. O pai deles era um velho profeta que morava em Betel havia muitos anos. Ao saber que um profeta viera de Judá para dar um recado ao rei, ficou encafifado. Ele era um profeta tão bom como qualquer outro, apesar da idade. Por que Javé se dera ao trabalho de chamar um profeta de tão longe, se o tinha ali à mão? Perguntou aos filhos que caminho o profeta do sul tomara, ordenou que lhe encilhassem o jumento, e tocou pela estrada até encontrar seu colega de profissão descansando à sombra de um carvalho.
— Ô, rapaz. Tu é o profeta de Judá, é?
— Sou sim.
— Eita, que faz é tempo que não encontro um colega. Bora lá em casa forrar o bucho?
— Sua hospitalidade muito me comove, mas não posso ir. Javé me ordenou que eu não comesse nem bebesse nada por aqui, nem que…
— … voltasse pelo mesmo caminho. Ora, eu tô sabendo, rapaz. Eu sou profeta também, e um anjão desses bem 'retados que me mandou vir aqui e te chamar pra ir lá em casa.
O profeta de Judá não tinha razões para duvidar. Se o outro estava mentindo, como saberia das ordens precisas que Javé lhe dera? Além do mais, anjo chega, dá seu recado e vai embora, não deixa nada por escrito. Foi de boa fé, portanto, que ele se levantou e acompanhou o velho até sua casa em Betel, onde já os aguardava a comida pronta.
Enquanto comiam, porém, o telefone da casa do velho tocou.
— Dê licença um pouco, vou só atender e já volto.
— Claro, claro.
Depois de cinco minutos, o profeta voltou esbravejando:
— FIO DUMA QUENGA!
— Como é?
— CABRA SAFADO! ERA JAVÉ NO TELEFONE, TÁ ME OUVINDO? TU DESOBEDECEU O QUE ELE TE MANDOU FAZER! ELE MANDOU, EXPLICOU, MAS TU É UM CABRA RUIM DA PORRA!
— Peraí, peraí! Você me convidou para vir até aqui, disse que um anjo tinha…
— NÃO INTERESSA, FIO DUM CÃO! TU VAI MORRÊ, E NÃO VÃO TE ENTERRAR JUNTO COM SUA FAMÍLIA, QUE É PRA TU DEIXAR DE SER UM SUJEITINHO SAFADO!

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

O profeta de Judá, sem entender nada, saiu depressa, montou em seu jumento e picou a mula (no sentido figurado). No meio do caminho, um leão que ia passando saltou sobre o profeta e o matou. Sim, um leão. Sim, em Israel. Não perguntem. O negócio é que o bichão ficou por ali, ao lado do jumento e do cadáver, sem nem pensar em comer nenhum dos dois. Era uma cena rara de se ver, e a notícia se espalhou rápido. Quando o velho profeta ficou sabendo, entendeu que se tratava de seu colega, e mandou novamente que preparassem sua montaria.

— Fiquem aí que eu vou lá ver o defunto. Cabra besta, desobedecer Javé desse jeito, já se viu?

Quando chegou ao lugar onde jazia o profeta de Judá (com o leão e o jumento já dormindo um do lado do outro, como personagens de desenho animado), pediu ajuda a seus filhos e jogou o cadáver sobre o jumento, levando-o de volta a Betel. Lá o enterrou em sua própria sepultura, e chorou junto com seus filhos.

— Ah, meu irmão! Meu irmãozinho de Judá! Quando eu morrer, quero ser enterrado ao lado dele.

Pense num cabra hipócrita…

Mesmo depois do aviso do profeta, de ver sua mão secar e o altar despedaçar-se, e de saber o que acontecera ao profeta por conta de uma desobediência menor, Jeroboão não tomou jeito. Continuou a cultuar os bezerros, e nomear profeta qualquer um que quisesse sê-lo. O critério dele era semelhante ao de certas igrejas modernas para ordenar pastores: ministrava uns cursinhos de oratória, marketing e vendas, e pronto, estava o cara pronto para ser líder religioso. Ele não tardaria a sentir o peso da mão de Javé. O castigo, como de hábito, seria desproporcional e injusto. Como veremos.

(1) Ainda leva tempo para o rei Josias aparecer nessa história (ainda mais nesse ritmo). Basta dizer, por enquanto, que ele patrocinou uma grande reforma política e religiosa em Judá. Os autores do livro *The Bible Unearthed* levantam a hipótese muito plausível de boa parte do Velho Testamento que conhecemos ter sido produzida nos tempos de Josias como ferramenta de propaganda. Isso explicaria a menção de seu nome tantos anos antes de seu nascimento. Os fundamentalistas, é claro, dirão que se trata de uma profecia. Que digam.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Javé castiga Jeroboão

(I Reis 14)

Jeroboão foi avisado pelo profeta de Judá, teve sua mão paralisada e viu o altar consagrado aos bezerros rachando ao meio. Nem assim, porém, o rei de Israel tomou tento. Vendo lá de cima que Jeroboão continuava a traí-lo com outros deuses, Javé resolveu que era hora de castigá-lo. Ergueu o punho, fez pontaria sobre a cabeça do rei, lançou sua maldição e… errou a pontaria. Jeroboão nem percebeu nada até ser avisado pela esposa que Abias, seu filho, caíra doente. Lá de cima, Javé disse “Epa” e tratou de improvisar um plano B.

Jeroboão podia ser idólatra e prepotente, mas era também um bom pai de família. Percebendo que a doença do filho podia ter alguma relação com as advertências do profeta de Judá, chamou sua mulher e lhe passou instruções:

— Minha filha, tu conhece Aías, o profeta que disse que eu ia ser rei e a porra toda, não é? Pois então: leve o barrigudim lá pro profeta, em Siló, explique a ele o leriado todo. Dê a ele uns pãezinhos, uns bolos, uns agrados, e pergunte que diacho vai acontecer ao menino. Mas vá disfarçada, viu? Se o cabra da moléstia souber que tu é minha mulher, é capaz de nem atender. Profeta é uma raça muito puxa-saco de Javé.

A esposa do rei botou então uma máscara de Groucho Marx, uma peruca azul, e foi ter com o profeta.

Aías já estava completamente cego, então a precaução de Jeroboão seria desnecessária. Seria, porque no mesmo momento em que sua mulher saía de casa para ir visitar o profeta, Javé batia à porta do velho.

— Quem é?

— É O FRIO!

— Não adianta bater, eu não deixo você ent…

— CALABOCA, AÍAS! SOU EU!

— Javé?

— É, porra!

— Já vou abrir.

— Não precisa, já estou aqui dentro.

— Eita. Como é que cê faz isso?

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— EU SOU É DEUS, RAPAZ! DEUS!
— Sim, sim.
— Vim para dar um aviso. A mulher daquele desgraçado daquele Jeroboão está vindo aí. Vem num disfarce ridículo, para te enganar. Não se engane, Aías! Quando ela chegar, diga logo que sabe quem ela é e entregue este papel a ela.
— Pode deixar, Javé. O que está escrito no papel? Javé? Ô! Javé! Sumiu… Comé que ele faz isso, diacho?

Quinze minutos depois era a mulher de Jeroboão que batia à porta de Aías.
— Quem é? É a mulher do rei?
— …
— Não adianta disfarçar, minha filha. Pode entrar, fique à vontade.
— Como o senhor sabia que era eu?
— Javé me disse que a senhora viria. Pediu-me para entregar-lhe este papel.
— O que está escrito?
— Eu sei lá! O diabo do recado não está em braile.
A mulher aproximou o papel de um lampião e leu o recado terrível que Deus tinha para seu marido:

Jeroboão, seu bosta.

Você pensava que podia me sacanear, adorar a outros deuses e levar o povo à idolatria sem que nada lhe acontecesse? Eu avisei, eu avisei... Escolhi você para ser rei. Tomei a maior parte do reino da família de Davi e a entreguei a você. E o que você fez? FODEU COM TUDO, SEU MERDA!
Ah, que saudade de Davi! Aquele sim me obedecia. Eu dizia "vá", e ele ia. Dizia "mate", e ele matava. Com gosto! Você não chega nem aos pés de Davi.
Você me traiu, Jeroboão, e por causa disso eu vou trazer desgraça para sua família. Todos os seus descendentes homens terão morte horrível. Eu vou varrer sua família do mapa como quem varre um monte de bosta, que é isso que vocês são. Seus descendentes não terão sequer o direito à sepultura: serão devorados pelos cães e pelos corvos.

Que isso lhes sirva de lição

J.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Enquanto ela lia a carta, o telefone tocou. O profeta foi atender e voltou com a maior cara de tristeza do mundo.
— O que diz o recado, dona?
Ela leu a mensagem em voz alta, e Aías não precisava de visão para saber que a mulher chorava enquanto lia.
— É muito triste mesmo. E tem mais.
— Como?
— Javé ligou agora. Mandou dizer que o menino vai morrer assim que a senhora pisar na cidade.
— MEU DEUS!
— Meu também, mas o que se vai fazer? Ele diz que esse menino vai ser o único da família a ter uma sepultura decente, porque é o único de quem ele gosta de verdade.
— Gosta? GOSTA? Meu marido errou, ele castigou o menino, e ainda diz que GOSTA dele?
— Dona, eu só dou o recado. Entendo nada também. Diga isso ao rei, e diga também que Javé mandou avisar que vai castigar o povo de Israel por sua idolatria. O povo será arrancado dessa terra e espalhado por aí.
Sem acreditar no que acabara de ouvir, a esposa do rei saiu da casa de Aías sem se despedir. Vagou durante horas por estradas secundárias, sem coragem de voltar para casa. Se o que o profeta dissera era verdade, assim que ela chegasse a Tirza seu filho morreria. Depois de muito andar, percebeu que era inútil adiar: de uma forma ou de outra ela teria que voltar à cidade, e se não o fizesse Javé era capaz de adotar represálias piores ainda. Foi, portanto, para a cidade. Assim que ultrapassou as muralhas, ouviu o grito de Jeroboão. Quando entrou no quarto do menino, viu o rei chorando debruçado sobre o corpo.
O príncipe Abias, mais uma vítima inocente de Javé, foi pranteado por todo o povo de Israel e sepultado em Tirza.

Após a morte do filho, Jeroboão começou a definhar. Parou de comer e beber, não se dedicava a mais nada e vivia vagando pelo palácio com olhos vazios. Vinte e dois anos depois de assumir o trono, o rei de Israel morreu e seu filho Nadabe foi coroado. Não durou muito.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Quando Jeroboão morreu, Roboão já apodrecia em sua cova havia cinco anos. O rei de Judá morrera aos 58 anos de idade, 17 deles no trono. O comportamento de Roboão não fora melhor que o de seu colega do norte: durante seu reinado, o povo adotou os costumes e os deuses dos países vizinhos. Havia altares pagãos nas montanhas, bosques consagrados a diversas divindades e até orgias sagradas com prostitutas fazendo as vezes de sacerdotisas.

No quinto ano do reinado de Roboão, Sisaque, rei do Egito, atacou Jerusalém e saqueou o templo e o palácio construídos por Salomão. O rei mandou fazer escudos de bronze para substituir os outros, de ouro, que haviam sido levados para o Egito.

Os reis do norte e do sul mantiveram-se em guerra enquanto Roboão foi vivo. Quando ele morreu, foi enterrado no mausoléu dos reis, e seu filho Abias subiu ao trono. Também não durou muito.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Os reinados de Abias e Asa, em Judá, e de Baasa, Elá, Zinri, Onri e Acabe, em Israel

(I Reis 15 e 16)

Não estranhem o tamanho do título, nem a quantidade de nomes estranhos. Com as mortes de Roboão e Jeroboão, os reis se sucederam nos dois tronos, sem que nenhum deles fosse propriamente digno de nota.

Abias, por exemplo, que sucedeu Roboão no trono de Judá, não fez nada além do que seu antecessor fizera. Neto de Absalão, o filho encrenqueiro de Davi, Abias subiu ao trono quando Jeroboão estava em seu décimo-oitavo ano de governo, e continuou a encrenca com o vizinho do norte. A idolatria permaneceu forte em Judá durante seu curto reinado de três anos. Um reizinho bem apagado, mas que mereceu o prêmio de ter um filho seu na linha de sucessão, graças à simpatia de Javé por seu bisavô, Davi.

Asa, filho de Abias, foi coroado quando Jeroboão ainda vivia. Foi um rei zeloso, que expulsou do país todos aqueles que não seguiam a religião oficial, e destituiu sua avó, Maacá, filha de Absalão, do posto de rainha-mãe. A velha adorava imagens, e isso não condizia com a alta santidade do neto. Asa reinou por quarenta e um anos, e viu os reis do norte sucederem-se uns aos outros enquanto ele permanecia firme no trono. No segundo ano de seu reinado, Jeroboão morreu e foi sucedido por seu filho Nadabe, que reinou por apenas dois anos. Quando Nadabe estava cercando Gibetom, uma cidade da Filistia, um tal Baasa, filho de Aías, da tribo de Issacar, armou uma conspiração contra o rei e o matou. Baasa foi então coroado rei, e sua primeira providência foi matar todos os descendentes de Jeroboão, conforme dissera Javé por meio do profeta Aías.

Depois de se garantir no poder eliminando a concorrência, Baasa resolveu invadir Judá e construir muralhas ao redor da cidade de Ramá, para assim controlar o caminho que levava a Jerusalém. O plano visava enfraquecer o Reino do Sul, e unir todo o Israel sob seu cetro. Aconteceu, porém, que Asa, o zeloso rei de Judá, enviou mensageiros a Ben-Hadade, rei da Síria, e junto com eles todo o ouro e prata que haviam sobrado no Templo e no palácio de Jerusalém. Asa pedia a Ben-Hadade que retirasse o apoio dado a Baasa, e que se unisse a ele contra o Reino do Norte. Com tantos presentes vistosos, o rei da Síria nem titubeou: enviou seu poderoso exército a Israel, e os soldados sírios conquistaram as cidades de Ijom, Dã e Abel-Bete-Maacá (pense…), a região do lago da Galiléia e toda a tribo de Naftali.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Baasa não tinha bala na agulha para responder a tamanha retaliação, então achou mais prudente interromper a construção das muralhas em Ramá e retornar a Tirza. Com Ramá livre dos israelitas, o rei Asa mandou reunir o povo para retirar todo o material trazido do norte para a construção das muralhas, e usá-lo para erguer muros em torno das cidades de Mispa e Geba, na tribo de Benjamim.
Já bem velho, Asa foi acometido por uma doença nos pés e morreu. Foi o primeiro caso registrado na História de morte por frieira.

Lá no norte, Baasa fazia tudo o que mais irritava Javé: promovia a adoração de outros deuses, espezinhava os irmãos do Sul e cagava e andava para os profetas. Javé enviou, então, o profeta Jeú, filho de Hanani, para dar ao rei de Israel o mesmo recado que Jeroboão recebera tantos anos antes: que seus descendentes seriam mortos e devorados pelos animais. O profeta levou a mensagem ao rei, que morreu pouco tempo depois. A Bíblia diz que o rei foi castigado por sua idolatria, mas principalmente por ter massacrado a família de Jeroboão. O massacre, caso vocês não se lembrem, foi uma idéia do próprio Javé. Com a morte de Bassa no vigésimo-quarto ano de reinado, o Deus de Israel celebrava a prática hoje conhecida como "tirar o cu da reta".
Baasa foi sucedido no poder por seu filho Elá. Um dia, dois anos depois de ser coroado, Elá estava enchendo a cara na casa de Arsa, encarregado do palácio. Zinri, um dos oficiais do exército, entrou na casa e atacou o rei que, bêbado, não teve como reagir. Morto Elá, Zinri foi coroado rei no Norte, no vigésimo-sétimo ano do reinado de Asa em Judá. No primeiro dia de seu governo, a ordem corriqueira: matar todos os descendentes de Baasa.
Zinri bateu todos os recordes de brevidade em Israel. Sua conspiração só deu certo porque a maior parte do exército israelita estava novamente (ou ainda) sitiando Gibetom. Quando a notícia da conspiração chegou ao acampamento, os soldados se revoltaram e ali mesmo coroaram seu comandante, Onri. O oficial reuniu a tropa, e seguiram todos para Tirza. Quando Zinri viu que a cidade estava cercada, e por seu próprio exército, desesperou-se e tocou fogo no palácio. Zinri morreu queimado, tendo reinado em Israel por apenas sete dias.
Com a morte de Zinri, o reino dividiu-se. Parte do povo apoiava a subida de Onri ao trono, outra parte queria coroar um tal Tibni, filho de Ginate. No fim das contas, o partido de Onri prevaleceu e Tibni foi morto.
Onri ainda tentou governar a partir de Tirza, mas a cidade já não era a mesma. Com o

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

palácio incendiado e parte da cidade destruída pelo cerco, saía mais barato mudar a capital. O rei, então, comprou umas terras de um tal Semer, pagando por elas setenta quilos de prata. As terras incluíam uma montanha, na qual Onri construiu uma cidade e defesas militares. Em homenagem ao seu primeiro proprietário, o rei chamou a cidade de Samaria. Após doze anos de reinado, durante os quais deu continuidade à idolatria dos reis anteriores, Onri morreu e foi sucedido por seu filho, Acabe.

Os reis iam e viam em Israel, e Asa continuava firme no trono de Judá. Em seu trigésimo-oitavo ano de governo, o filho de Onri foi coroado no Norte. Acabe foi, provavelmente, o rei que mais trabalho deu a Javé. Não contente em deixar que o povo continuasse a adorar os deuses que quisesse, o rei tomou alegremente parte ativa na idolatria. Casou-se com Jezabel, filha do rei de Sidom, Etbaal, e adotou o deus da família da esposa, Baal. Os altares e ídolos construídos por outros reis antes dele eram nada diante do templo erguido por Acabe em honra a Baal, em Samaria. Para piorar, permitiu que um tal Hiel de Betel reconstruísse a cidade de Jericó. Pode parecer pouco, mas após a destruição de Jericó Josué havia amaldiçoado a cidade, dizendo que quem colocasse os alicerces perderia o filho mais velho, e quem erguesse os portões perderia o caçula. Como Hiel fez as duas coisas, Hiel perdeu seu primogênito, Abirão, quando botou os alicerces, e Segube, o mais novo, quando colocou os portões na cidade pronta.
Enquanto seus antecessores pecavam apenas por omissão, Acabe deleitava-se em desafiar Javé de todas as maneiras. Para um cabra ruim assim, o Senhor dos Exércitos ia precisar arrumar um oponente daqueles. Os velhos profetas, pouco mais do que garotos de recado, não dariam conta de tamanha tarefa. Era preciso um paladino, quase um Moisés. Conseguiria Javé arrumar um sujeito assim para enfrentar Acabe? É o que veremos.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Elias, a seca e a viúva

(I Reis 17)

No último capítulo (lá se vão três meses), vimos que a situação no Reino do Norte ia de mal a pior. Enquanto Judá vivia tempos de calmaria, com o piedoso Asa no trono, em Israel cada rei coroado era pior que seu antecessor. Essa série culminou com Acabe que, não contente em permitir que o povo adorasse outros deuses, empenhou-se ele mesmo em irritar a Javé. Para começar, casou-se com Jezabel, e passou a adorar o deus Baal. Não só isso: o rei mandou erguer um templo em Samaria em honra a Baal, para concorrer com o templo de Jerusalém, dedicado a Javé.

Lá de cima, Javé assistia a tudo isso e tentava manter-se calmo. Sentia um tremor no canto do olho direito e no lábio superior, e procurava conter-se. Sabia que, se deixasse sua ira manifestar-se de forma plena, destuiria não só Israel, mas, no mínimo, metade do Sistema Solar. Então respirava fundo, contava até 10 trilhões, e tentava escolher um profeta que pudesse enfrentar a audácia de Acabe. Pensou, pensou, e acabou escolhendo Elias.

Elias era um profeta da pequena cidade de Tisbé, em Gileade. Era um bom rapaz, trabalhador, disciplinado. Pouco conhecido fora de sua cidade, surpreenderia a todos quando começasse a falar em nome de Javé. Perfeito. Feita a escolha, Javé foi ter com o profeta.

— ELIAS!

— Quê?

— MANÉ “QUÊ”! SABE QUEM ESTÁ FALANDO?

— Assim, pela voz, não. Se você aparecesse ia facilitar um bocado.

— EU SOU O QUE SOU!

— Eu também, ué. Aquela pedra ali também. Que coisa… Olha, eu tenho mais o que fazer e…

— CALABOCA! EU SOU É DEUS, TÁ ME OUVINDO? DEUS!

— Deus, é? Qual deles? Tem um monte por aí, sabe como é.

— SOU O ÚNICO DEUS, PORRA! JAVÉ!

— Ah, esse. O que manda, Javé?

— Você não vai ficar nem um pouco impressionado, caralho?

— Deveria?

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— …

— …

— Cê tá falando sério?

— Ah, puta que pariu, até o Senhor? Por que é que todo mundo me pergunta isso?

— É essa sua postura, Elias.

— Que que tem minha postura?

— Esse seu jeitão aí, sei lá. Meio… cínico.

— Você acha?

— Cê tá falando sério?

— ARGH!

— Bom, vamos parar de papo furado. Você sabe que Acabe está fazendo de tudo para me irritar. Casou-se com aquela vadia, construiu um templo para Baal, vive naquelas surubas sagradas e não sei que mais. Eu quero que você vá lá e acabe com isso.

— Ah, é só isso? Que bobagem!

— …

— Ok, ok. Continue.

— Quero que você vá ao palácio e dê um recado a ele. O resto a gente vê depois.

Foi assim que, no dia seguinte, Elias foi ao palácio falar com o rei.

— Acabe! Trago um recado de Javé para você!

— Peraí, peraí, peraí… Quem você pensa que é para vir aqui falar comigo nesse tom?

— Sou Elias, e trago a seguinte mensagem: não vai cair chuva, nem mesmo sereno, até que eu ordene que a chuva volte.

— Hein?

— É isso. Vem uma grande seca por aí. Só vai voltar a chover quando eu mandar.

— Porra, tu é manda-chuva, é?

— …

— Rapaz, cê tá falando sério?

— TÔ, PORRA!

— COMO É QUE É? GUARDAS! Capem esse feladaputa!

Elias ia perguntar se o rei estava falando sério, mas achou melhor sair correndo. Correu até encontrar um lugar para se esconder, e estava encolhido, recuperando o fôlego, quando ouviu a voz de Javé:

— ELIAS!

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— PORRA! Quer me matar de susto?
— Epa, foi mal. E aí, como foi lá com o Acabe.
— Falei o que você me mandou falar.
— O lance da seca? Eita! E ele?
— Adorou, disse que é mesmo um cara muito mau, e que merecia isso.
— Sério?
— CLARO QUE NÃO! O FELADAPUTA MANDOU ME CAPAR!
— Ah… Calma, Elias. Faz o seguinte: conhece o riacho de Querite, pra lá do Jordão?
— Conheço.
— Então. Vá praqueles lados, e se esconda por lá. Mesmo com a seca, você vai ter o que comer e o que beber, não se preocupe.
Elias ficou em seu esconderijo até anoitecer, e então partiu para a região do riacho de Querite. Javé não mentira ao dizer que ele teria o que beber e o que comer, mas também não dera a informação completa. Para beber, o profeta só tinha mesmo a água do rio. Até aí, nada mau. O pior era a comida: todas as tardes um bando de corvos vinha trazar pão e carne para ele. Desesperado, o profeta se perguntava:
— Quando é que eu vou voltar a ter uma vida normal?
E os corvos respondiam:
— Never more!

Água do rio e comida trazida pelos corvos. O que parecia ser o pior possível piorou ainda mais quando, devido à seca, o riacho secou. Elias foi queixar-se com Deus, que não se deu por achado: disse que tudo estava sob controle, e que ele fosse à cidade de Sarepta, perto de Sidom, que uma viúva lhe daria de comer. Elias foi, e já às portas da cidade encontrou a viúva catando lenha.
— Com licença, senhora. Poderia me dar um pouco d'água para beber? Estou morrendo de sede.
— Pois não, meu filho. Vou ali buscar a água.
— Ah, muito obrigado. Um pãozinho ia bem também.
— Meu filho, eu não tenho mais pão. Tenho um punhadinho de farinha de trigo e um quase nada de azeite. Vim aqui pegar uns pedaços de pau para fazer fogo para cozinhar qualquer coisa para mim e para o meu filho. Depois disso, vamos morrer de fome.
— O que é isso, minha senhora? Seja mais positiva! Pode ir preparar sua comida. Mas antes pegue a farinha e o azeite que ainda lhe sobram e faça um pãozinho para mim.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— Meu filho, não me leve a mal, mas… CÊ TÁ DE SACANAGEM, NÉ?
— Ai, meu saco… Dona, faça o que eu disse. Sou um profeta, e Javé manda dizer que não acabará a farinha da sua tigela nem o azeite do seu jarro até que volte a chover.
— Hum. Sei não…
— Pode acreditar, minha senhora. Pelamordedeus, tô seco de fome e sede!
— Tá bom, vai.
A viúva fez o que Elias tinha dito e, milagrosamente, a farinha e o azeite multiplicaram-se. Por muitos dias, os três tiveram o que comer. Infelizmente, uma dieta de farinha e azeite não é a mais indicada para uma criança, e o filho da viúva morreu. “Efeito colateral”, disse Javé. “Efeito colateral meu ovo, que agora essa velha me mata”, disse Elias. Confabularam por um tempo, e lá foi ele falar com a viúva.
— Me dá aqui esse defuntinho.
— HEIN?
— Me dá o moleque, rápido!
— Você está falando sério?
— PUTA QUE PARIU, E EU IA BRINCAR COM UM NEGÓCIO DESSES?
Sem esperar resposta, o profeta pegou o pequeno cadáver, levou-o para o andar de cima e o deitou na sua cama. Feito isso, clamou aos céus:
— JAVÉ, CARALHO, POR QUE ME FODESTE DESSA FORMA? AGORA A DESGRAÇADA DA VELHA VAI ACABAR COM A MINHA RAÇA! ELA ME HOSPEDOU, ME DEU COMIDA, E TU MATASTE O MOLEQUE DELA. NÃO FODE, JAVÉ!
Enquanto orava, Elias debruçou-se três vezes sobre o menino. Na terceira vez, o menino voltou a respirar e abriu os olhos. Ao ver o profeta sobre ele, gritou:
— PEDÓFILO!
— Pedófilo é uma porra, seu moleque dos infernos. Volta correndo lá pra baixo, e calado, senão eu te mato de novo.

Ao ver o filho vivo novamente, a viúva finalmente reconheceu que Elias era um enviado de Javé. Queria sair pela vizinhança contando o ocorrido, mas o profeta lhe proibiu. Ainda era um fugitivo, afinal, e Javé não dera ordens para os próximos passos. Elias precisaria ser paciente: a seca ainda duraria três anos.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Elias e os profetas de Baal

(I Reis 18)

Durante os três anos em que a seca perdurou, Elias permaneceu escondido. Enquanto isso, a situação em Israel não podia ser pior. Tomada de fúria diante da desfaçatez de Elias, a rainha Jezabel mandara executar todos os profetas de Javé. Sem saber de nada disso, o profeta sentiu até um certo alívio quando recebeu de Deus a ordem de ir apresentar-se a Acabe anunciando a volta das chuvas.

Em Samaria, a carestia era imensa. Numa tentativa de salvar ao menos alguma coisa, o rei Acabe chamou seu mordomo, Obadias, para sair por todo o reino procurando capim para conservar vivos os cavalos e as mulas. Abrindo um mapa de Israel, o rei demarcou a região que seria inspecionada por cada um deles, e saíram um em cada direção.

Apesar de gozar de plena confiança do rei, Obadias não simpatizava com os novos rumos do reino. Permanecia fiel à velha religião, resistindo à presença cada vez mais forte dos deuses estrangeiros. Mesmo assim, porém, ficou com medo ao reconhecer uma silhueta que vinha em sua direção.

— Elias? É o senhor, Elias?

Quando o profeta se aproximou, Obadias reclinou-se até o chão em demonstração de respeito.

— Sim, Obadias, sou eu mesmo. Agora deixe de veadagem e vá dizer ao seu patrão que eu estou aqui.

— Como? O senhor está falando sério?

— Ai meu saco…

— Mas que diabo eu fiz para o senhor querer me castigar desse jeito? O rei me mata, porra, me mata!

— Mata nada! Por que ele ia te matar, doido?

— Pois o senhor não sabe? O rei me mandou procurá-lo em todos os reinos vizinhos. Sempre que um rei dizia que nunca o tinha visto mais gordo, Acabe o fazia jurar por deus, fosse o deus que fosse. E agora o senhor quer que eu vá até o rei, na maior cara-de-pau, e diga, "Olha, esqueci de olhar embaixo das pedras, Elias está logo ali dobrando a esquina"?

— Hum… É, é mais ou menos isso que eu quero.

— MAS SERÁ QUE VOCÊ NÃO ENTENDE? Imagine que eu saia daqui, vá até o rei e

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

dê o recado. Enquanto isso, o Espirito de Deus baixa sobre o senhor e *vupt!*, o senhor some sabe-se lá pra onde. Sabe como é esse tal Espírito de Deus, obriga nego a fazer muita loucura. Pois então, o senhor some no mundo, o rei vem até aqui, não o encontra, e aí?

— E aí?

— E AÍ QUE EU ME FODO! O REI ME MATA, TÔ DIZENDO!

— Mata nada, rapaz, mata nada! Acabe se enfiou nesse negócio de idolatria, mas não é doido de encostar a mão num homem de Deus!

— Xi…

— Xi o quê?

— Então o senhor não está sabendo?

— Sabendo de quê?

— Xiiiii…

— DESEMBUCHA, PESTE!

— Sabe a rainha Jezabel? Pois então. A mulher endoidou com esse negócio de seca e, como o senhor não aparecia, mandou matar todos os profetas de Javé.

— COMO É QUE É?

— Pois é. Quando eu soube disso, tratei de esconder cem profetas em duas cavernas, e arrumei água e comida para eles.

— Ah, muito bem, Obadias. Então nem tudo está perdido. Pelo menos temos uns cem profetas à disposição.

— Er…

— Que foi?

— Não adiantou muita coisa, sabe? Depois de um tempo os cem foram encontrados e mortos.

— O QUÊ??? E quantos sobraram?

— Bom. Contando todos?

— Claro!

— Todinhos, todinhos?

— FALA!

— Hmmmmmmmmm… Só o senhor, mesmo.

— COMO É?

— Pois é.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— PUTA QUE PARIU! E AGORA?
— Sei não.
— Vaca desgraçada, essa Jezabel. Agora mesmo é que eu quero falar com o corno do marido dela. Pode dizer a ele, Obadias.
— Mas…
— Obadias, eu juro por Israel, por esta luz que me ilumina, pelas tuas bolas, por Javé, pelo diabo, que não vou sumir.
— Tá falando sério?
— CORRE LOGO, FELADAPUTA, E DÁ O RECADO!

Assustado com a cólera profética, Obadias correu para anunciar a notícia ao rei Acabe. O rei não perdeu um só segundo: saiu logo ao encontro do profeta.
— Ah, Elias! Chegou a causa da desgraça do país!
— Desgraça do país são você e seu finado pai, Acabe, que trocaram Javé por Baal e outros deuses.
— Continua insolente, não? Diga logo o que você quer.
— Quero que você ordene a todo o povo de Israel que vá encontrar-se comigo no monte Carmelo. Também quero ver por lá os quatrocentos e cinqüenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas do deus particular de Jezabel.
— O povo todo, todinho?
— Sim.
— E todos os profetas?
— Sim!
— Tá de sacanagem, né?
— Pague para ver, Acabe. Nos encontramos lá.

Atiçado pela curiosidade, o rei mandou mensagens a todo o reino, convocando os israelitas a comparecerem ao monte Carmelo. Fez o mesmo com os profetas de Baal. No dia marcado, é claro que nem todo o povo de Israel compareceu, mas havia ao pé do monte uma multidão considerável. Ao ver o povo de um lado e os profetas de Baal de outro, Elias pigarreou e disse em voz alta:
— E aí, cambada? Vão decidir o que fazer ou não? Quem é o verdadeiro deus, Javé ou Baal?
O povo, que não era besta nem nada, ficou quietinho. Proclamar simpatia à religião

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

tradicional poderia custar a vida. Por outro lado, abandonar Javé era sempre garantia de ira divina.
— Ah, mas são uns frouxos mesmo! Havia mais profetas em Israel do que motoboys em São Paulo. Agora olhem para mim: sou o único sobrevivente. Enquanto isso, Baal tem quatrocentos e cinqüenta negos a seu serviço. É direito isso?
Silêncio.
— Ah, bundões! Tragam-me dois touros!
— Hein?
— Touro, aquele bichão que tem chifres, faz "mu" e não é teu pai. Vai, anda, dois touros.
— Tá falando sério? Pra que cê quer dois touros?
— Claro que estou falando sério, diabo! Vamos fazer dois sacrifícios aqui hoje. Os profetas de Baal matarão um dos touros e o colocarão em cima de uma pilha de lenha, mas sem tocar fogo no bicho. Eu farei o mesmo com o meu.
— E daí?
— Ô, saco… É uma aposta, vocês não estão vendo? O deus que mandar fogo para queimar o sacrifício será o verdadeiro Deus, o outro será apenas imaginação dos ignorantes.
— Ah, uma aposta, legal! E se nenhum dos dois mandar fogo nenhum?
— Aí nós vamos buscar o fogo no rabo da tua mãe. OS TOUROS, PORRA!

Os dois touros foram trazidos. Elias olhou os bichos, pareceu aprovar sua condição geral, e dirigiu-se aos profetas de Baal:
— Já que os senhores são tantos, podem fazer o sacrifício primeiro. Com tanta gente falando, o deus de vocês vai responder rapidinho.
Os profetas avançaram contra o touro, que nem teve tempo de reagir: em cinco minutos estava morto, fatiado e empilhado sobre o monte de lenha. Feito o trabalho, os profetas de Baal ficaram um minuto em silêncio, e depois começaram o clamor por seu deus:

BAAL! BAAL!
Só você é deus,
E é bom a dar com o pau,
Baal é nosso amigo,
Um deus que é muito legal,
O tempo de Javé já era,

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Já foi tarde, se deu mal.
Vamos cantar bem alto,
Ouve nossa voz, Baal
Manda fogo aí do céu
Pra queimar este animal.

Isso foi pela manhã. Depois de horas cantando, porém, a carne continuava intacta. Ao meio-dia, os profetas já cantavam com voz rouca, os olhos vidrados, dançando como dervixes ao redor do altar improvisado. Enquanto isso, Elias os incentivava:
— Isso, cantem mais alto!
— *BAAL! BAAL!*
— Mais alto!
— *Só você é deus, e é bom a dar com o pau…*
— Mais alto, cacete! Esse Baal é deus ou não é?
— *O tempo de Javé já era, já foi tarde, se deu mal…*
— Talvez ele esteja meditando, por isso não ouve.
— *Vamos cantar bem alto…*
— Ou talvez esteja no banheiro, sabem como é.
— *Ouve nossa voz, Baal…*
— Deus ou não, ele há de precisar se aliviar de vez em quando…
— *Manda fogo aí do céu…*
— Ou ele pode ter viajado, pode estar dormindo, ou…
— *PRA QUEIMAR ESSE ANIMAL!*
— Epa, não apontem pra mim!
Os profetas continuavam sua dança ao redor da carne do touro. Depois do meio-dia, eles já se cortavam com facas e espumavam pelo canto da boca. Às três da tarde, pararam, exauridos.
— Desistem?
— …
— Povo de Israel! Cheguem todos mais perto!
O povo se aproximou, ressabiado, e Elias começou a construir seu próprio altar. Apanhou doze pedras, cada uma representando uma tribo de Israel, e as empilhou. Depois, cavou em volta uma vala com capacidade para uns doze litros de água, colocou lenha sobre o altar, despedaçou o touro e botou a carne sobre a madeira. Então voltou a dirigir-se ao

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

povo:

— Tragam quatro jarras cheias de água, e derramem sobre a carne e a lenha.

— …

— Sim, porra, eu estou falando sério!

Depois que as quatro jarras d'água foram derramadas sobre o altar, Elias ordenou que a operação fosse repetida mais duas vezes. A água encharcou completamente a carne, a lenha, e encheu toda a valeta em volta do altar. Satisfeito com o resultado, Elias olhou para o céu e disse:

— Javé…

Foi o que bastou: *VUUUUUUUUUUUUUSH!*, uma labareda desceu do céu. Queimou a carne, a madeira, chamuscou as pedras e a terra, e ainda evaporou parte da água da valeta. Nem mesmo Elias esperava por uma resposta tão rápida; que dizer, então, do povo. Ao verem touro e lenha reduzidos a cinzas, os israelitas se curvaram até o chão, encostando o rosto na terra e exclamando:

— Puta que pariu!

E num segundo momento:

— Javé é deus! Só Javé é deus!

Elias estava triunfante:

— Ah, agora vocês decidiram, né? Pois então peguem esses putos dos profetas de Baal, não deixem escapar nenhum!

O povo, que não queria confusão com Javé depois de tamanha exibição, tratou logo de obedecer a Elias. Todos os profetas de Baal foram presos, e Elias os matou à beira do riacho de Quisom.

Um a zero pra Javé.

Diante de tudo o que acontecera, só o rei Acabe permanecia mudo, como que paralisado pela reviravolta na história. Foi Elias quem o tirou de seu torpor:

— Agora corre, Acabe, que já estou ouvindo o barulho da chuva.

A menção à chuva fez o rei despertar. Olhou para o céu, não viu nuvem alguma, fez um muxoxo e foi almoçar. Enquanto o rei comia, Elias subiu ao alto do Carmelo. Eram tempos difíceis, uma seca desgraçada. Quando chegou ao cume, o profeta estava quase morto de cansaço. Sentindo-se enjoado, sentou-se e colocou a cabeça entre os joelhos. Então disse ao rapaz que o ajudava:

— Olhe lá para o lado do mar.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— Estou olhando.

— O que você vê?

— Areia, pedras, o mar bem lá longe…

— No céu, idiota.

— Ah, no céu… Nada.

— Nada?

— Nada.

— Olhe de novo.

— Olhei.

— E…?

— Nada.

— Merda. Olhe outra vez.

Resumindo: seis vezes Elias ordenou que seu ajudante olhasse para o horizonte, e seis vezes a resposta foi a mesma. Na sétima, porém, as coisas mudaram:

— Estou vendo uma nuvenzinha ridícula subindo do mar. É menor do que uma mão?

— Um mamão?

— Uma mão.

— Bom, já é alguma coisa. Vá dizer ao rei que apronte seu carro e volte para casa, caso contrário a chuva vai apanhá-lo no meio do caminho, impedindo o filho da puta de seguir viagem.

— Mas é só uma nuvenzinha, do tamanho de um melão… um mamão… Digo, uma mão.

— Eu sei. Dê logo o recado ao rei.

— Seu Elias, isso é um trote?

— Trote é o esporte praticado por sua mãe no haras. VAI LOGO!

Ainda em dúvida, o moleque começou a descer a encosta do monte para entregar a mensagem ao rei. Ainda no meio do caminho, porém, percebeu que seu patrão estava certo: o tempo começava a virar, com nuvens escuras e pesadas cobrindo o céu. Quando o rei viu as nuvens e sentiu o vento forte que vinha do mar, nem esperou o garoto terminar de dar o recado: preparou seu carro e partiu célere na direção de Jezreel.

Lá de cima, vendo a exaustão de Elias, Javé resolveu divertir-se com ele: enviou seu Espírito ao profeta que, enlouquecido, apertou o cinto e saiu correndo. Quando Acabe chegou a Jezreel, Elias já estava lá havia horas.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

A aposta entre Elias e os profetas de Baal fez com que o monte Carmelo ganhasse grande importância como símbolo da fé judaica e, mais tarde, da fé cristã. No final do século XII, São Bertoldo, que viera da Calábria para a Palestina como cruzado (ou peregrino, não se sabe bem), escolheu o monte como sede de sua comunidade, inspirado justamente pela história que vocês acabam de ler. A comunidade fundada por ele viria a ser a Ordem dos Carmelitas.
(Fonte: Wikipedia)

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

A perseguição a Elias e a chamada de Eliseu

(I Reis 19)

No último capítulo, deixamos Elias em Jezreel, após ter vencido e matado os profetas de Baal. O rei Acabe, impressionado com o duelo entre as duas religiões, voltava para o palácio disposto a abolir o culto pagão de Israel e voltar à velha religião de Javé. Precisou mudar de idéia, porém. Ao contar a sua esposa Jezabel o que acontecera, a mulher quase lhe comeu o fígado. Bem, Acabe mandava em Israel, mas quem mandava em Acabe era Jezabel, que enviou a Elias o seguinte recado:

> *Que meus deuses me matem se em vinte e quatro horas eu não fizer a você o mesmo que você fez aos profetas de Baal, maldito!*
>
> *J.*

Horas depois, recebeu a resposta do profeta:

> *Vai acabar com meus argumentos utilizando a mais fina ironia?*
>
> *E.*

Jezabel ainda mandou outro bilhete, com a indefectível frase "Você está falando sério?", mas era tarde: sabendo exatamente o que a rainha pretendia lhe fazer, Elias fugiu com seu ajudante para Berseba, em Judá. Deixou o ajudante na cidade e se enfiou no deserto. Depois de um dia inteiro andando, encontrou uma árvore e sentou-se à sua sombra. Era o último profeta de uma religião que um dia fora a única de um país que também não estava dividido. A seca, a disputa com os profetas de Baal, a volta da chuva, nada adiantara: continuava sendo um pária, um homem malquisto em sua própria terra. Era demais para ele.
— Chega desta merda, Javé! Acaba logo com a minha vida! Eu sou o último fracasso de uma linhagem de derrotados.
Exausto, o profeta caiu no sono. Logo alguém o cutucava impacientemente. Elias abriu os olhos e viu diante de si um sujeito alto, todo vestido de branco.
— Morri?
— Morreu uma pemba. Levanta daí e come.
Elias ia explicar que estava no meio do deserto, e não lhe apetecia comer areia, mas foi

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

calado pela visão de um pão assado nas pedras e um jarro d'água. Ele comeu, bebeu e pegou no sono novamente. Bem, tentou pegar no sono, porque o anjo continuava a cutucá-lo.

— Cara chato…

— Come mais, rapaz, senão você não agüenta a viagem.

Acostumado a ser mandado por Deus para cá e para lá, Elias nem formulou a pergunta "que viagem?", que ocorreria a qualquer um de nós. Em vez disso, levantou-se, comeu mais pão e bebeu mais água. Pense numa refeição balanceada e cheia de vitaminas: o alimento deu ao profeta forças para andar quarenta dias e quarenta noites até o monte Sinai, lugar dos mais sagrados para Israel. Assim que chegou, entrou numa caverna para passar a noite. Quando começava a ferrar no sono, ouviu uma voz conhecida:

— O que você está fazendo aqui, Elias?

— PORRA, JAVÉ! ME DEIXA DORMIR!

— Não quer comer uma coisinha antes?

— NÃO! ESSA SUA COMIDA TEM ANABOLIZANTE!

— É sério, Elias. O que você está fazendo aqui neste buraco? Você é um vencedor, Elias! Um profeta poderoso! Você pode, você consegue! Força, rapaz!

— Que é isso, Javé? Virou o Bernardinho?

— Bah. Ok, ok, esse lance de auto-ajuda não funciona com você. Muito bem, mas que porra você está fazendo aqui?

— ESTOU ME ESCONDENDO, CARALHO! A minha vida inteira eu fui um servo fiel, sempre fiquei do seu lado. E o que eu ganhei? Um diabo dum povo ingrato, que caga para a velha religião, que derrubou seus altares e matou todos os seus profetas. Bom, quase todos. Sobrei eu. EU! SÓ EU! UM ÚNICO PROFETA CONTRA UM PAÍS INTEIRO! O QUE VOCÊ QUER QUE EU FAÇA?

— Eu quero que você saia daqui e fique diante de mim no alto do monte.

— Estou com sono…

— VOCÊ ESTÁ PENSANDO QUE EU SOU SUAS NEGAS, FELADAPUTA? EU SOU É DEUS, TÁ ME OUVINDO? DEUS! SAI DESTA PORRA DE CAVERNA AGORA E CORRE PRO ALTO DA MONTANHA, ANTES QUE EU TE FULMINE, PORRA!

— Ah, já que você pediu jeitinho…

O sarcasmo foi um pouco demais, e a resposta de Javé veio na forma de um vendaval que

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

arrancou as moitas que se prendiam às rochas do monte, assustou as cabras e levantou as vestes do profeta. Quando o vento parou, Elias estava sentado no chão, trêmulo.

— Javé? É você?

Em vez de resposta, veio um terremoto que abriu fendas na face da montanha, fez rolar grandes rochas, que quase fecharam a entrada da caverna, e assustou mais ainda o profeta.

— Peraí, Javé. Vamos conversar…

Depois do terremoto, veio um fogo que queimou as plantas que restavam, chamuscou as pedras e os cabelos de Elias.

— J-Javé?

— Ah, um gaguinho falando docemente comigo no Sinai. Assim que eu gosto! Tudo bem com você, meu querido Elias?

Ao ouvir a voz, Elias saiu da caverna, tomando antes a precaução de cobrir o rosto com a capa. Sabia que olhar para a face de Javé, ainda mais num momento de ira como aquele, não era boa idéia.

— O que você está fazendo aqui, Elias?

— Er… Eu não agüento mais, Javé. Sou o último de seus profetas. De nada adiantou minha lealdade. Fui derrotado. Como eu disse antes e tal…

— Derrotado? DERROTADO? Eu sou é Deus, porra! DEUS! Quantas vezes vou precisar falar isso?

— Mas o que é que eu posso fazer agora, Javé?

— Volte para o deserto, ande até Damasco e unja Hazael como rei da Síria.

— Como é?

— Vai por mim, é um plano que eu tô bolando aqui. Depois de besuntar o cara, unja Jeú, filho de Ninsi, como rei de Israel. Então procure em Abel-Meloá um tal Eliseu, filho de Safate.

— E esse vai ser rei de onde?

— De lugar nenhum. Eliseu vai ser seu sucessor.

— E aí você vai me matar, certo?

— Cala a boca, Elias. Você não reclamou que era o único profeta? Pois bem, agora vai ter outro, Eliseu.

— E os outros, Hazael e Jeú?

— Esses caras vão curar Israel da doença trazida por Acabe e Jezabel. Quem escapar de

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Hazael vai ser morto por Jeú, e quem der a sorte de escapar dele perecerá sob Eliseu. Pelas minhas contas, só sete mil pessoas no país inteiro não adotaram a religião de Baal. Só essas serão poupadas.
— Mas, Javé, vai ser uma carnificina!
— Vai, né? Como nos velhos tempos. Rapaz, estou até me sentindo mais jovem!

Hazael e Jeú podiam esperar: Elias queria conhecer logo seu sucessor, então foi a Abel-Meloá. Lá encontrou um rapaz que arava a terra com o último par de bois de um total de doze. Elias passou perto do rapaz e jogou a capa sobre sua cabeça. Eliseu já devia ter sido avisado do que estava para acontecer, porque nem perguntou que porra era aquela. Em vez disso, pediu a Elias que lhe desse licença para voltar a casa e se despedir de seus pais.
— Eu tô te segurando?
— Hã?
— Vai, diabo! Olha o sucessor que Javé me arruma…
Logo em seguida, porém, Eliseu fez algo que impressionou Elias: foi até o lugar onde estavam os dois bois com os quais estivera arando a terra e matou os animais. Pegou a madeira da canga para fazer uma fogueira, e nela preparou a carne. Depois de distribuir a carne entre o povo que estava ali perto, foi se despedir dos pais e voltou para onde Elias estava.
— Pronto. Podemos ir.
— …
— Que foi?
— Nada não.
Esse estranho Eliseu, de gestos inesperados e teatrais, seria um dos maiores, se não o maior profeta da história de Israel. Por enquanto, porém, seria apenas o ajudante de Elias, substituindo aquele que o profeta deixara em Judá, e que deve estar até hoje esperando a volta do patrão. Imaginem o tamanho do processo na justiça do trabalho…

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

A guerra contra a Síria

(I Reis 20)

Sentado na principal sala de reuniões de seu palácio, Ben-Hadade, rei da Síria, mal conseguia disfarçar o tédio e a impaciência. Para um homem de ação como ele, só havia algo pior do que reuniões: reuniões com consultores. Ao seu redor na mesa, empertigados e com expressões de profundo saber e autoridade, eles se revezavam na apresentação. Começavam dizendo o nome, mas se não o fizessem daria no mesmo: eram todos iguais. O primeiro começara falando da empresa:

— Nós, da Siriana…

— Siriana?

— Sim, majestade.

— Com George Clooney e tal?

— Er… Não exatamente, majestade. Siriana é o nome de nossa companhia.

— Nome idiota.

— Senhor, com todo o devido respeito, levamos meses para chegar a esse nome. A definição envolveu pesquisas de mercado, análises de tendências, estudos de branding…

— Foda-se. Deu tudo num nome idiota de filme esquerdinha. O que é que vocês da Siririca…

— Siriana, senhor.

— Tanto faz. O que vocês têm a me dizer?

— Bem, majestade. Temos uma metodologia que foi desenvolvida por nossos sócios-fundadores e tem sido utilizada com sucesso há seis anos em diversos projetos. A metodologia é dividida em três pilares: pessoas, processos e tecnologia. Dentro desse pilar de pessoas, podemos destacar que a guerra contra Israel foi…

O rei já não prestava atenção. Fazia já três meses que aqueles almofadinhas percorriam a Síria coletando informações, discutindo entre si, realizando longas conferências e workshops. O *Projeto Samaria*, que era como eles chamavam o servicinho porco que

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

desenvolviam, fora previsto para um mês, no máximo. Malditos consultores. E maldito Acabe, que o forçara a chegar a tal ponto.
Acabe… O rei de Israel era o mais bunda mole dos reis, disso ninguém duvidava. Mandado pela mulher e assombrado por um profeta casca-dura que desaparecera há muito tempo no deserto, Acabe era motivo de chacota em toda a região. Seu país era, portanto, alvo fácil. Isso, pelo menos, era o que pensavam Ben-Hadade e outros trinta e dois reis que haviam decidido apoiá-lo na campanha contra Israel um ano antes. Haviam subido às montanhas próximas a Samaria com seus cavalos e carros, cercando a cidade.
— … como resultado do que chamamos de *gap analysis*.
— Guépi o quê?
— *Gap analysis*, majestade. Levantamos toda a situação atual com entrevistas e questionários entregues aos tomadores de decisão, e definimos, conversando com o senhor e seus assessores, qual seria a situação ideal. A partir disso, e sempre aplicando um conjunto de *best practices*, traçamos o caminho entre o que temos agora e o maior nível de maturidade possível, que é o nível 5. O relatório que apresentaremos hoje mostra os passos para atingir a zona de conforto de cada um dos níveis de maturidade, até o platô de sucesso do patamar mais alto. Em cada nível passaremos por um ciclo de conscientização, negação, frustração, aceitação…
Aceitação, pois sim! Era inaceitável a derrota para Acabe. Ben-Hadade ainda guardava os bilhetes trocados entre eles. Começara como uma espécie de trote; nem ele nem seus companheiros acreditavam muito que aquilo daria em guerra de verdade.

> *Acabe,*
>
> *Sem delongas: toda prata e ouro que você tiver por aí, suas mulheres e seus filhos. Tudo meu.*
>
> *B-H*

A resposta de Acabe era patética, mas com um toque de malandragem:

> *Meu patrão Ben-Hadade,*
>
> *O senhor tem razão. Eu e tudo o que tenho somos seus. Abraço!*
>
> *A.*

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Era muita petulância do rei israelita. Como resposta, Ben-Hadade enviara uma mensagem que não deixava dúvidas sobre suas intenções, que já não eram mais apenas de aplicar um trote:

> Acabe,
>
> Não se faça de idiota. Eu *requisitei* todo o ouro e prata de seu palácio, além de suas mulheres e filhos. Mas você prefere dar uma de espertinho, não é? Pois que seja. Amanhã mesmo mandarei alguns empregados de confiança até aí. Eles vão examinar o seu palácio e as casas dos seus assessores, e vão pegar tudo aquilo que acharem que tem valor. O que você acha, hein?
>
> B-H

Acabe ia ver o que era bom pra tosse…
— … WC?
— PwC? Mas vocês não eram de uma tal Siriema?
— Siriana, majestade. Eu perguntava onde fica o WC.
— Ah. Saindo daqui no corredor à direita, até o final, sobe as escadas à sua esquerda, passa pela porta do harém, vira na segunda à esquerda, desce uma escadinha de três degraus e por lá você se informa.
— …
— Você acha MESMO que eu conheço todo o palácio? Vocês andaram vasculhando tudo por aí, deviam saber mais do que eu.
— Er… Ok, majestade, com licença.
A saída do consultor deu ao rei sossego para remoer o ódio por Acabe e seu país. A resposta do rei de Israel à segunda mensagem demorara bem mais do que anterior. Ben-Hadade não tinha como saber, mas seu bilhete causara celeuma em Israel. Choramingoso como sempre, Acabe queixava-se pelos corredores do palácio. Que não era justo, que o rei sírio queria arruiná-lo e a seu reino, que era um absurdo, que onde já se viu. Quando conseguiram, a muito custo, interromper a cantilena do rei, seus assessores aconselharam: não entregasse nada, e Ben-Hadade que se fodesse. Acabe concordou, eufórico, mas na hora de escrever a resposta resolveu suavizar um pouco os termos:

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Meu patrão Ben-Hadade,

Concordo com tudo o que o senhor disse na primeira mensagem. Tudo, tudo, tudo. Sinto dizer, porém, que não posso concordar com a última. É uma pena. Gostaria muito de poder ajudá-lo, mas não posso. Para qualquer outra coisa, sou sempre seu criado.

A.

Foi com a mão trêmula de raiva que Ben-Hadade escreveu o bilhete seguinte:

Porco israelita,

Que os deuses me capem matem se eu não invadir Samaria com um exército tão grande que, se cada soldado levar consigo um punhado de terra, a cidade sumirá do mapa.

B-H

A resposta de Acabe a essa ameaça fora, Ben-Hadade era forçado a admitir, de surpreendente coragem e presença de espírito:

Pão sírio,

O homem que diz "sou", não é. O verdadeiro soldado conta vantagem depois da batalha, não antes. Em outras palavras, vem ni mim.

A.

Ben-Hadade recebera essa resposta de inesperada altivez enquanto bebia com os outros 32 reis em suas barracas perto de Samaria. Após ler o bilhete e passá-lo aos outros, o rei deu a ordem: era hora de atacar Israel. Enquanto isso, porém, Acabe recebia conselhos de um profeta. Os profetas de Javé haviam começado um movimento discreto de reorganização e, após uma ação aqui e ali, já eram até aceitos no palácio real — desde que Jezabel não estivesse por perto, é claro. Mesmo assim, evitavam as mensagens cifradas e as admoestações espirituais, apostando nos conselhos práticos para ganharem a confiança do rei. Esse profeta não era exceção: o recado que trazia diretamente de Javé para Acabe não tinha nenhum tipo de pirotecnia celeste, mas conselhos pertinentes quanto ao comando, divisão e organização do exército israelita. Enquanto Ben-Hadade e

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

seus aliados ainda organizavam, preguiçosamente e cheios de si, a tomada de Samaria, o exército de sete mil israelitas subia a montanha para atacá-los. Quando deram por si, era tarde demais: os israelitas haviam causado baixas expressivas no exército sírio, botando o resto do contingente para correr. Comandados por Acabe, transfigurado em general eficiente e bravo, os soldados de Israel afugentaram seus inimigos, inclusive o orgulhoso Ben-Hadade, que fugira a todo galope.

— … É muito simples, como o senhor pode ver.
— Simples? SIMPLES? AQUELES FELASDAPUTA DO PAU CORTADO ME HUMILHARAM! VOCÊS VÃO ME DIZER AGORA QUE SABEM MAIS DO QUE EU, CORNOS?
— Majestade… O senhor contratou nossos serviços, só queremos apresentar nosso relatório e ir embora. Ainda temos que passar por um cliente no Egito hoje, e voltar para o escritório para preencher nossos relatórios mensais de horas.
— Cara… Deve ser muito chato trabalhar nessa Sirigüela.
— Siriana, majestade. Bem, como eu dizia é muito simples. Toda a ação se baseia em três pilares:

1. **Sobrenatural** *O deus dos israelitas é claramente uma divindade das montanhas; por isso o exército sírio foi derrotado por eles naquela ocasião um ano atrás. Os deuses sírios, por sua vez, são naturais da planície. Portanto, se a batalha for em lugar plano, a Síria será invencícel*

2. **Profissional** *Os 32 reis que ajudaram na campanha anterior podiam ser bem intencionados, mas não eram profissionais da guerra. A substituição deles por capitães, homens de pensamento estratégico e espírito belicoso, trará ao exército sírio grande diferencial competitivo, além de força no processo de tomada de decisões*

3. **Estratégico** *O contingente empregado na batalha mal sucedida era suficiente para vencê-la, assim como as armas e equipamentos utilizados. O problema aí, frisamos, não era de <u>pessoas</u> nem de <u>tecnologia</u> mas sim de <u>processos</u>. Com os processos bem definidos pelos capitães convocados, os soldados sírios chegarão ao nível de maturidade desejado no projeto.*

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— O mesmo exército lutando num lugar plano comandado por capitães. É isso?
— Em resumo sim, majestade. O relatório detalhado deve estar em sua mesa até amanhã. Poderemos discutir também a implementação de uma ferramenta de *Business Intelligence*, que agregue valor a seu negócio com métricas, alavancando o potencial de…
— VÃO ALAVANCAR AS PUTAS QUE OS PARIRAM! FORA DAQUI! NÃO ACREDITO QUE PAGUEI ESSA FORTUNA POR UM SERVIÇO BOSTA DESSES!
Os consultores partiram assustados e desolados. Sozinho na sala de reuniões, o rei acalmou-se, pensou, e acabou considerando as ponderações apresentadas. Até que fazia sentido. Fazia? Não fazia? Saberia.

Dias depois, o exército sírio estava acampado em Afeque, cidade que ficava numa planície próxima a Israel. Era um exército mais lustroso e disciplinado, graças ao trabalho exemplar dos capitães indicados pela Siriana Consultoria. “Outsourcing é o futuro!”, pensava o empolgado Ben-Hadade. Sabendo do cerco, Acabe organizara seus exércitos também. Na verdade, já vinha se preparando para nova investida síria havia um ano, seguindo o conselho do profeta prático. Os israelitas acamparam em dois grupos de frente para os sírios e, comparados a estes, pareciam dois rebanhozinhos de cabras. Vendo o tamanho do exército inimigo, Acabe só tinha um pensamento — “fodeu” — mas adquiriu novo ânimo ao ser abordado por outro profeta da nova geração.
— Os sírios dizem que Israel venceu da outra vez porque Javé é um deus das montanhas. Javé manda dizer que isso é uma calúnia da porra, e que vai mostrar pra esses comedores de esfiha quem é que manda nessa merda toda.
Durante sete dias os dois exércitos permaneceram acampados de frente um para o outro, em silêncio e tensão crescentes. Ao sétimo dia alguém deve ter pigarreado e a batalha começou. Os israelitas mataram cem mil sírios só nesse dia. O resto do exército da Síria fugiu para Afeque, onde lhes aguardava uma piada daquelas típicas de Javé: as muralhas da cidade caíram, matando vinte e sete mil soldados. Ben-Hadade teve mais sorte: estava longe das muralhas na hora do desastre, e se escondeu nos fundos de uma casa. Dois dos oficiais contratados foram ter com o rei, oferecendo-lhe sua vasta *expertise* em negociações:
— Majestade, nós vamos até Acabe para implorar humildemente por sua vida. Ouvimos dizer que os reis de Israel são muito bondosos.
— E eu lá tenho escolha? Vão, vão.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Quando ouviu dos dois oficiais que Ben-Hadade ainda estava vivo, Acabe mostrou-se aliviado. Não era homem de guerra, só queria sossego na vida. Fora forçado pelas circunstâncias e ajudado por um deus furioso, mas em qualquer outro caso preferiria abrir mão de tudo a entrar em guerra.
— Meu irmão Ben-Hadade, vivo? Que maravilha! O que vocês estão esperando? Podem trazê-lo para cá.
Os oficiais voltaram à cidade com o recado. Ben-Hadade veio, desconfiado a princípio, mas relaxou quando viu que Acabe tinha mesmo boas intenções. Depois de um pouquinho de papo furado, partiram para as negociações de paz. Os termos, estranhamente, foram propostos pelo rei sírio, parte derrotada:
— Seguinte, Acabe. Eu vou devolver a você todas as cidades que meu pai tomou do seu. Além disso, sabe aquele shopping em Samaria? Pois bem: hoje mesmo vou dar ordem para desapropriarem um terreno em Damasco para que você construa um desses por lá. Assim todo mundo ganha, hein? Que me diz?
— Excelente, ótimo! Mas conversamos depois. Vá para casa, descanse. Esses últimos dias não foram fáceis.

A postura cordial e de boa índole de Acabe, quase brasileira, não agradou a Javé. Emputecido, deu instruções a um profeta que tinha em alta consideração. Depois de receber o recado, o profeta chamou um de seus companheiros de grupo e fez um pedido estranho:
— Me dá um soco.
— Mané soco.
— Anda, diabo. Me dá um soco. Aqui, ó?
— Vixe, endoidou… Rapaz, bate logo a cara na parede e não me enche o saco.
— INFELIZ! VOCÊ DESOBEDECEU A UMA ORDEM DE JAVÉ, E POR ISSO SERÁ MORTO POR UM LEÃO!
— Uuuuh, uuuuh, que meeeeda! Acorda, rapaz. Esse tempo já passou. O negócio agora é profecia de resultados, manja? Foi-se o tempo da profecia moleque, de pé descalço. O lance é pragmatismo teológico, manja? Ah, vá-te à merda!
Assistindo à cena, os outros profetas reunidos na casa riam de se dobrar. O que se recusara a agredir o colega fez uma saudação irônica e saiu da casa. Os risos, que já esmoreciam, viraram silêncio total depois que os profetas ouviram um rugido, seguido de um grito, seguido de um "humpf". Quando saíram, viram seu debochado colega

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

estendido no chão, ensangüentado. O leão olhou para eles, fez “humpf” novamente e se retirou. Aparentemente, desprezava as novas tendências da profecia.

Voltaram todos para dentro de casa. O profeta escolheu outro colega.

— Ei! Você aí! Me dá um s… FILHODAPUTA. Hm. Caralho, doeu. Bom. Obrigado. Deus o abençoe. Porra.

O profeta enrolou um pano no rosto para não ser reconhecido e foi para a beira da estrada esperar o rei passar. Quando Acabe ia passando, o homem começou a gritar:

— Me entregaram um prisioneiro no meio da batalha! “Toma conta dele, rapaz”. Toma conta… Tanta coisa pra fazer e eu vou tomar conta de vagabundo? Fui cuidar da minha vida e, quando vi, o safado tinha fugido. Agora dizem que eu vou ter que pagar 35 quilos de prata de multa, senão me matam. Pode um negócio desses, majestade?

— Se pode? Claro que pode! Te deram ordem para vigiar o prisioneiro e você deixou o cara escapar? Você merece morrer mesmo.

— Arrá! — o profeta deu um pulo e arrancou o pano do rosto — O senhor também, rei Acabe, deixou escapar o homem que Javé ordenou que o senhor matasse. Agora, diz Javé, o senhor vai pagar com a vida, e seu povo será destruído.

— Mas… Mas ele nem me falou nada de matar o rei!

— Ih, sei de nada. Só entrego o recado.

O profeta voltou para a casa dos profetas, feliz pela missão cumprida. O rei, por sua vez, voltou para Samaria chateado, com raiva e resmungando. Se mais alguma coisa o aborrecesse, era capaz de cometer uma loucura.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

A vinha de Nabote

(I Reis 21)

Ocupar o lugar de honra num banquete é uma deferência de grande significado. Você tem a atenção de todos, tem a melhor comida, o melhor vinho, e é servido antes de todos. Nisso pensava Nabote, bom israelita, agricultor e comerciante. Era fácil entender o papel de quem ocupa o assento principal numa grande festa. Mas o que dizer do conviva principal de um jejum? Era o primeiro a não ser servido? Recebia as melhores porções de uma comida inexistente. Sim, porque Nabote era agora o centro das atenções de uma grande quantidade de pessoas, todas elas reunidas para o jejum convocado pelo rei Acabe. Todas elas estavam desconfortáveis com esse bizarro jejum público, mas nenhuma delas tanto quanto Nabote. Quanto mais ele pensava, mais acreditava que o convite tinha algo a ver com sua recusa em fechar um negócio com o rei.
Estava certo em sua suposição. Como vimos no final do capítulo anterior, o rei andava cada vez mais birrento, e qualquer contrariedade seria capaz de levá-lo a fazer alguma bobagem. Acontece que Nabote possuía uma plantação de uvas que ficava ao lado de um palácio que o rei possuía em Jezreel. Sem ter mais o que fazer o dia todo — decisões importantes eram tomadas por Jezabel, fosse como fosse — Acabe achou por bem propor um negócio ao proprietário da vinha.
— Essa plantação é sua, rapaz?
— Sim senhor.
— Fica pertinho do palácio, não?
— Pois fica.
— Vamos fazer um negócio?
— Vamo não.
— Mas você nem ouviu ainda!
— Mas essa vinha foi herança de meu pai, e não quero me desfazer dela.
— Rapaz, isso aqui ia ficar lindo como horta real, já imaginou? Imagina!
— Tô imaginando.
— E aí, vamos fazer negócio?
— Vamo não.
— Puta que pariu! Eu te dou um vinha melhor que essa!
— Melhor que essa, é?

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— É!

— Quero não.

— Eu te pago em dinheiro! Pago o dobro do que ela vale!

— Carece não!

— Te pago o triplo!

— Precisa não.

— PAGO QUATRO VEZES O QUE ESSA BOSTA VALE, TE DOU OUTRA VINHA DUAS VEZES MELHOR E TE DEIXO COMER MINHA MULHER!

— Dona Jezabel, é?

— Ela!

— Quero não!

— HMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMMF.

Sufocando sua raiva e frustração, o rei saiu dali batendo os pés, entrou no palácio e se deitou em sua cama de cara para a parede e com o dedo enfiado na boca. Aos que lhe vinham perguntar o que tinha ou oferecer comida, apenas respondia com um "Uh-hum!" — ou qualquer coisa assim, era difícil entender o que ele dizia com o dedão na boca.

A reação do rei, muito madura e centrada, não tardou a virar o comentário do dia no palácio. Temendo que a novidade chegasse às ruas de Jezreel, Jezabel foi ter com seu esposo.

— Acabe, que bosta é essa?

— Uh-hum!

— UH-HUM O DIABO! DEIXA DE VEADAGEM E ME FALA O QUE ACONTECEU.

Obediente como sempre, mas um pouco relutante, o rei narrou à mulher os acontecimentos daquela manhã.

— Que vergonha, tamanho homem! Você é rei desta merda ou não é? Humpf. Levanta daí, levanta! Vai comer alguma coisa.

— Mas… E a plantação, meu bem?

— Deixa isso comigo! Amanhã mesmo a vinha de Nabote será sua.

Enquanto Acabe comia seus sucrilhos, Jezabel preparava seu plano. Escreveu algumas cartas em nome do rei, seladas com seu sinete, e as enviou para as autoridades de Jezreel. As cartas davam instruções para um grande jejum coletivo na cidade, que deveria ter Nabote no lugar de honra. E ali estava Nabote, sentado em sua cadeira cada vez mais

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

desconfortável, sentindo sobre si o peso dos olhos de seus conterrâneos, que nada entendiam. Ficaram assim por longos minutos, até que o homem sentado logo à frente de Nabote resolveu puxar assunto:

— Você é Nabote, não é?

— Sou sim — respondeu ele, sabendo que seu interlocutor era um sujeito de má fama na cidade, bandido e mau caráter.

— Ah, eu te conheço!

— Eu também! — disse o que estava ao lado do homem, outro elemento suspeito. — Não é você o grande ateu de Jezreel?

— Ateu? Eu? Hã?

— Isso, ele mesmo! Vive dizendo que esse negócio de Javé não está com nada, que ninguém nunca viu Javé, que é tudo uma jogada política para acabar com as outras culturas da região e tal.

— COMO?

— Não se faça de besta! Eu mesmo ouvi você falando essas coisas no bar ontem à noite. Dizia também que Acabe é um bebê chorão, e que Israel merecia um rei macho de verdade.

— HEIN?

— Disse que quem manda no negócio todo é Jezabel, e que o rei vive debaixo da saia dela.

— Mas isso é um absurdo! Vocês não acreditam nesses dois, não é verdade? Ora, vocês conhecem a fama desses sujeitos, e conhecem a minha. O que acham?

Era tarde demais para Nabote, porém. Enfurecido pelo rumor levantado pelas duas testemunhas — segundo a lei mosaica, quantidade suficiente para se condenar alguém —, o povo levou o pobre coitado para fora dos muros da cidade, e ali o matou a pedradas.

No palácio, Acabe recebeu a notícia da boca de sua esposa, que o convenceu a ir imediatamente tomar posse da plantação. O rei se levantou e foi caminhando até a vinha. Quando se aproximava, notou de longe um homem que vestia roupas esfarrapadas, e lançava em sua direção um olhar que parecia hostil. Chegando mais perto, não teve mais dúvidas de quem se tratava.

— Então você já me achou, meu inimigo?

— Não foi difícil — respondeu Elias —. Primeiro, porque sei que você vem passar o verão aqui em Jezreel. Depois, porque a notícia de tudo o que você tem feito de mau e

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

criminoso deixa Javé cada dia mais irritado.

— Mas o que foi que eu fiz?

— Não se faça de idiota! Mandar matar ou deixar de impedir uma morte é o mesmo que assassinato, você sabe muito bem disso. Tenho um recado de Javé para você, rei Acabe.

— Lá vem…

— Ele diz que varrerá da terra todos os homens de sua família, de modo que não deixe descendentes. O mesmo que ele fez às famílias dos reis Jeroboão e Baasa, fará à sua. O cadáver de Jezabel, a prostituta que você chama de esposa, será devorado pelos cães junto ao muro da cidade. Todos os parentes dela que morrerem na cidade terão o mesmo fim, e os que morrerem no campo serão devorados pelos abutres.

Ao ouvir a maldição proferida por Elias, o rei tremeu de medo. Tentando reconciliar-se com Deus, rasgou suas roupas em sinal de arrependimento, vestindo um camisolão de pano de saco. Ficou sem comer durante dias, dormindo no chão duro e exibindo um semblante abatido. Ao ver a reação de Acabe, Javé resolveu rever suas ameaças:

— Elias, diga a ele que lhe dou uma segunda chance. Já que ele se mostra tão arrependido, não vou mandar toda essa desgraça para a vida dele.

— O senhor é muito misericordioso, Javé. Estou surpreso.

— Em vez disso, a desgraça toda recairá sobre o filho dele.

— Que não teve nada a ver com a história?

— Isso.

— Retiro o que eu disse.

— Deixa eu me divertir um pouco, porra!

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Judá e Israel contra a Síria

(I Reis 22)

— Pois vejam, majestades, que a guerra é como um tabuleiro de xadrez.

— Hum…

— Só que as peças são brócolis e os jogadores vêm assim, viram pro outro lado e fazem um negócio desse jeito com os dedos da mão direita. Assim, ó. Aí jogam azeite em cima. Então um enfia a mão no bolso e tira uma coisa que é como se fosse uma caneta, mas não tem nada a ver, e joga pra cima. É justo?

— …

— …

— Bem, vejamos. DE QUE DIABO VOCÊ ESTÁ FALANDO?

— Hermenêutica, majestade.

— Hermenêutica?

— Sim. Hermenêutica.

— Você ao menos sabe que PORRA é hermenêutica?

— Hermenêutica?

— Sim. Hermenêutica.

— …

— Você é profeta mesmo, rapaz?

— Profetíssimo!

— É merda nenhuma. Fora daqui!

— Mas…

— FORA!

Nota-se que não é o primeiro profeta a se apresentar perante os reis Acabe, de Israel, e Josafá, de Judá. Sessenta anos depois da divisão do reino, os dois haviam forjado uma aliança para juntos atacarem um inimigo comum, a Síria. Era difícil pensar em duas personalidades mais diferentes: grandiloqüente e passional, Acabe sofria constantes variações de humor, chegando a ficar prostrado por qualquer contrariedade. Josafá, pelo contrário, era discreto e tranqüilo, e gostava de pensar antes de dar cada passo. Acabe, em boa parte influenciado por sua esposa Jezebel, provocara a ira de Javé contra o reino do Norte com sua política de incentivos às antigas religiões cananéias, especialmente às diversas formas de culto a Baal, e com a perseguição aos profetas da religião

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

estabelecida, principalmente Elias, o maior deles. Josafá era fiel à religião de seus antepassados, e acabara com a prostituição sagrada nos altares que vinham dos tempos do seu pai, Asa. Não era, porém, um fanático: tolerante, fazia vista grossa a outras manifestações religiosas. A maior diferença entre os dois, no entanto, era percebida quando abriam a boca: Acabe tinha uma voz grave e tonitruante, que subia duas oitavas quando ele se irritava. Josafá, pobre coitado, tinha a voz aguda de um *castrato*.

Já havia dois anos que as relações entre Israel e a Síria eram pacíficas. Existia um ponto pendente, porém: Ramote Gileade, cidade situada no que hoje se chama Cisjordânia. A idéia de retomar a cidade partira de Acabe, que propusera a aliança a Josafá. Para seu desespero, o rei de Judá aceitara a proposta, mas com uma condição:

— Vamos consultar Javé primeiro.

Acabe ficou vermelho de raiva, sapateou, rangeu os dentes, fez ameaças, mas Josafá permanecia sereno: ou pediam orientação a Javé, ou nada feito. Vendo que seria inútil insistir, Acabe esmurrou a parede (o que lhe rendeu dois dedos quebrados) e mandou convocar todos os profetas de Israel.

Não são muitos os profetas, e também não são grande coisa. A perseguição incansável de Jezebel tornara em cabritos assustados aqueles que antes eram os orgulhosos mensageiros do Senhor dos Exércitos. Reunidos perante os dois reis, que se apresentam em suas roupas mais luxuosas na praça principal de Samaria, eles dão os prognósticos mais animadores.

— Guerra contra a Síria? Ixe, já é! Deus manda dizer que tá tudo pela ordem.

— Diz o Senhor: ide-vos e lutai-lhe-vos contra os sírios, e eu te-lhes darei-vos a vitória. Lhe. Vos. Por aí.

— A Síria é como um punhado de areia dentro de um copo daqueles de plástico, só que com um buraquinho no fundo, e em cima de um monte de pedras. Aí vem o gato e…

— EU JÁ MANDEI VOCÊ SUMIR DAQUI!

— Tá bom, tá bom! Saco.

— Acabe, não tem nenhum outro profeta por aí não?

— Hum. Tem um sim.

— Então, ouvi falar de um tal Elias que…

— NÃO ME FALE NESSE SUJEITO!

— Tudo bem, sem problema. Mas não tem nenhum outro não? Cá pra nós, estou achando esse pessoal meio fraco, parece que cursaram profecia na Uninove.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— Bom. Tem um cara aí, um tal de Micaías. Mas ele nunca profetiza nada que preste pra mim, só merda. Tenho ódio dele. Ódio. ÓDIOÓDIOÓDIOGAH.
— Acabe, controle-se. Pega mal um rei portar-se assim na frente dos seus súditos.
— Ah, é? E essa voz de moça, pega bem?
— Não adianta, meu caro, não vou entrar nessa sua provocação barata. Mande chamar o tal Micaías, só para termos certeza.
Contrariado, o rei mandou um oficial chamar seu desafeto. Enquanto isso, o desfile de profetas continua, todos eles garantindo que a campanha de retomada de Ramote Gileade será um absoluto sucesso. Um deles, de nome Zedequias, vem empunhando um par de chifres de ferro.
— Majestade, Javé manda dizer: "Com estes chifres você lutará contra os sírios e acabará com a raça deles".
— Corno é teu pai!
— …
— Cadê o Micaías, Acabe?
— Sossega, Garoto Juca, que ele já vem.

Já vem mesmo: o oficial encontrou o profeta ali por perto, e vem escoltando o homem. Enquanto caminham, conversam.
— Rapaz, seus colegas tão tudo dizendo que essa guerra vai ser porreta.
— E eu com isso?
— Ora! O melhor que você faz é falar a mesma coisa, filho duma égua.
— Eu falo o que Javé me mandar falar, nada mais, nada menos.
— Eita. Então tá, ué.
Chegando defronte aos reis, porém, Micaías se esquece de seu orgulho de profeta. Ríspido, Acabe pergunta se ele e Josafá devem marchar contra Ramote Gileade.
— Claro, majestade, claro! Javé vai lhes dar a vitória.
— Micaías…
— Sim, majestade?
— Você deve achar que eu sou algum débil mental, não?
— …
— Estou vendo nessa sua cara de mané que você está mentindo. Pode parar com isso, filho da puta. Quando você vier falar comigo em nome de Javé, diga a verdade.
— É que o senhor fica bravo quando eu falo…

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— NÃO IMPORTA! QUERO A VERDADE!
— Hum. Bom. O senhor pediu. Preparado?
— DESEMBUCHA!
— O que eu vejo são soldados de Israel espalhados pelas montanhas do deserto, como ovelhas sem pastor. E Javé diz assim: "Eita, que esses aí estão fodidos. Que voltem para casa em paz".
— Não falei que esse veado só profetiza o que não presta?
— Deixa o homem falar, Acabe. Prossiga, Micaías.
— Prossigo, prossigo sim! Porque eu vi Javé sentado em seu trono no céu, com os anjos todos em volta. Ele perguntou: "Alguém aí quer descer para enganar Acabe para que ele ataque Ramote e seja morto por lá?". Foi uma bagunça do cão entre os anjos, cada um dizendo uma coisa diferente. Aí um espírito se levantou e disse: "Xacomigo, Javé, eu vou". "O que você vai fazer", Javé perguntou, e ele explicou seu plano. Disse que enganaria os profetas para que fizessem profecias erradas para o rei. Então Javé o autorizou, e cá estamos nessa situação ridícula, com chifres de ferro e não sei mais o quê.
Antes que o rei conseguisse formular uma reação, Zedequias saltou na frente de Micaías e sentou-lhe um sopapo.
— Tá louco, feladaputa? Quando foi que o espírito de Deus saiu de mim e entrou em você?
— Você vai saber quando estiver todo encolhidinho num buraco, tentando se esconder dos sírios.
— Chega! Podem parar, os dois! Cadê o oficial que trouxe esse desgranhento pra cá? Ah, olha você aí. Seguinte: você vai levar esse sujeito até Amom, o governador da cidade, e ao príncipe Joás, com um recado meu. Diga a eles que é pra jogarem esse Micaías na cadeia. Que ele passe a pão e água enquanto eu não voltar são e salvo.
— Vixe. Haja pão é água.
— O QUE VOCÊ DISSE, MICAÍAS!
— Majestade, se o senhor voltar são e salvo, então não foi Javé que falou através de mim. Disso eu duvido, infelizmente. Que todos se lembrem do que eu disse.

No fim das contas, ficou decidido por 400 votos contra um que Judá e Israel atacariam Ramote Gileade. Acabe ainda estava preocupado com o que Micaías dissera, então foi conversar com Josafá:
— Pensei num negócio aqui pra gente confundir os sírios. Em vez de irmos os dois como

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

reis, você vai todo paramentado e eu vou disfarçado de soldado comum.

— Hum. E pra quê?

— Pra confundir os sírios, Josafá! Prestenção!

— Mas isso não faz sentido nenhum, Acabe.

— Confie em mim!

— Tudo bem, pode ser. Negócio esquisito…

Acabe saiu esfregando as mãos. Sabia que os capitães do exército da Síria tinham ordens de não atacar ninguém a não ser o rei de Israel. Judá era uma bostinha no mapa, ninguém sequer lembrava de sua existência. Quando vissem Josafá todo engalanado sobre seu carro, feito um Clóvis Bornay narigudinho, pensariam que era o rei de Israel. Enquanto isso, Acabe daria um jeito de ficar meio que na retaguarda, andando pra lá e pra cá, evitando a refrega. Não tinha como dar errado.

Bom, tinha. Porque os capitães sírios chegaram até a cercar o rei de Judá. Ordenaram que jogasse suas armas no chão, e se preparavam para trucidá-lo quando ele gritou. Gritou do único jeito que sabia: com aquela voz esganiçada que tinha. Imediatamente os oficiais inimigos perceberam que não se tratava do rei de Israel. Josafá explicou que era o rei de Judá, um país menorzinho mais ao sul, e que Acabe lhe propusera o plano de um só rei visível na batalha.

Até aí, nada de mais. Os sírios deixaram Josafá em paz, e Acabe continuava seguro em seu disfarce. No entanto, enquanto corria de um lado para outro, o rei sentiu uma fisgada entre as juntas da armadura. Um soldado sírio atirara uma flecha ao acaso, e ela — provavelmente guiada pela vingativa mão de Javé — foi alojar-se no corpo do rei que tanto fizera para não ser notado. Imediatamente ele pediu ao condutor de seu carro que desse meia-volta e o levasse para fora da batalha.

O ferimento não parecia sério, e não pegava bem um rei abandonar o campo de batalha. A briga esquentava, e a presença real fazia-se necessária para instigar o moral dos soldados. Então os oficiais de Acabe mantiveram-no em pé até a tarde, de frente para os sírios, sem perceberem o sangue que escorria para o fundo do carro. Ao pôr-do-sol, o rei morreu e o exército israelita recebeu ordem de retirada.

O corpo do rei Acabe foi levado para Samaria e enterrado ali na capital do reino do Norte. Enquanto os soldados lavavam seu carro na represa da cidade, onde as prostitutas iam tomar banho, os cachorros lamberam o sangue que escorria para a água. Javé dissera que os cães beberiam o sangue de Acabe, e ali cumpria-se a profecia.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

— Que profecia? Quando foi que Javé disse isso?
Eu sei lá, porra!

Com a morte de Acabe, seu filho Acazias subiu ao trono. Acazias foi um mau soberano, cujo reinado durou apenas dois anos. Ele deu continuidade aos cultos de Baal em Israel, para profunda irritação de Javé.
Josafá, que se tornara rei de Judá no quarto ano de reinado de Acabe, já governava havia dezessete anos. Durante esse período, realizou grandes feitos. Sob seu cetro, o país de Edom tornou-se colônia de Judá. Já depois da morte de Acabe, Josafá mandou construir grandes navios para trazerem ouro da misteriosa terra de Ofir, mas as embarcações quebraram antes mesmo da primeira viagem. Vendo o pouco conhecimento em engenharia naval de seu vizinho, Acazias ofereceu ajuda, que não foi aceita pelo rei de Judá. Depois que Josafá morreu e foi enterrado no túmulo da família de Davi, seu filho Jeorão reinou em seu lugar.

— Ei! E o Micaías?
Sei lá do Micaías! Deve estar comendo pão e água até hoje.

© by Marco Aurélio Gois dos Santos
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor